a Cena muda

CINEMA e RÁDIO

EMILINHA BORBA "RAINHA do RÁDIO"

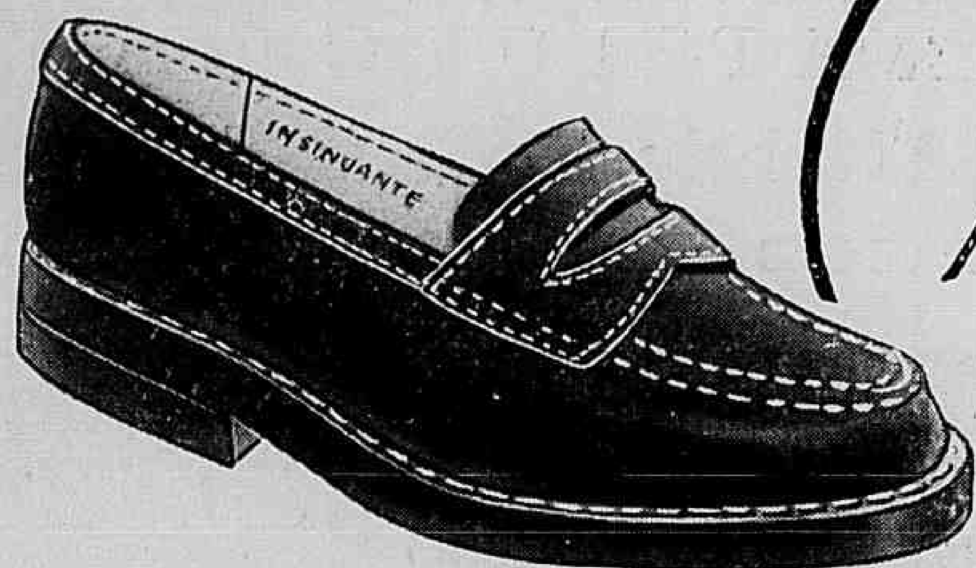
JUNE HAVER VAI TROCAR O CINEMA POR UM CONVENTO

O BAILE do RÁDIO de 1953

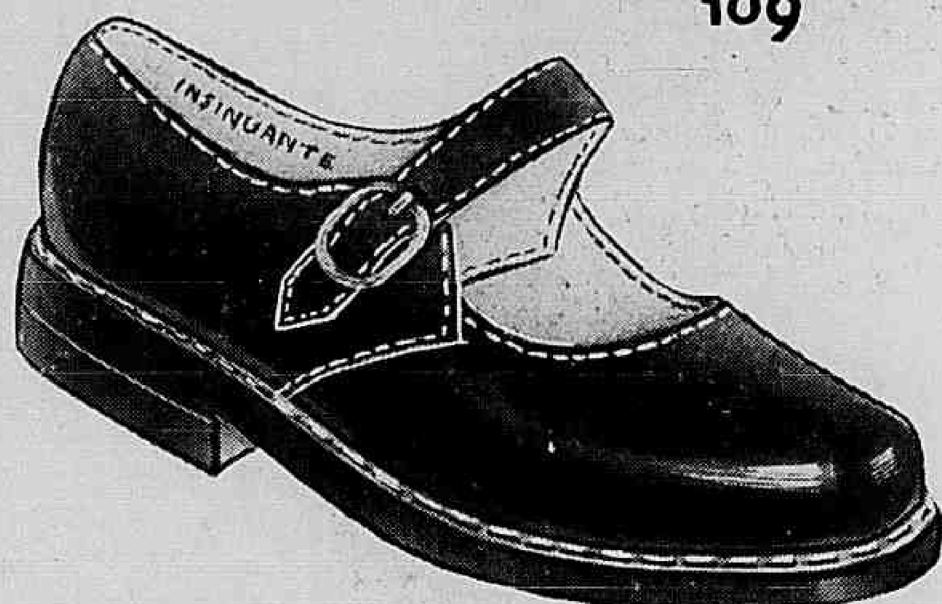
N.º 8 ★ 18-2-53 ★ CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL



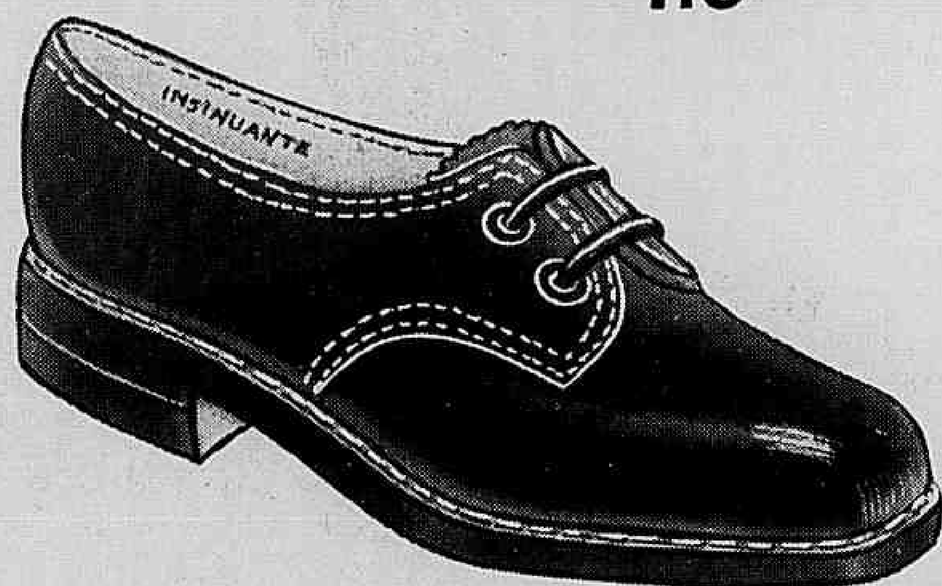
Mande os seus filhos á ESCOLA!



109



110



111



112

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

109 28 a 32 Cr$ 140,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00 Sapato colegial-esportivo, adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marron). Saltos de Borracha.

110 22 a 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 — Cr$ 135,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

111 28 a 32 Cr$ 135,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato cem por cento colegial, para moças, em superior vaqueta preta, c/Salto de Borracha. Um grande sapato!

112 28 a 32 Cr$ 135,00 — 33 a 36 Cr$ 145,00 — 37 a 44 Cr$ 150,00. Ótimo sapato para meninos, rapazes e cavalheiros, em superior vaqueta preta.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

AT. SEMOG

LEVY KLEIMAN

apresenta em



CINEMA

Reportagens especiais:

Fada Santoro e Dóris Monteiro disputam as honras do elenco de "Agulha no Palheiro" 4-5

"Cangaceiro", a maior realização do cinema nacional.. 7

June Haver vai trocar o cinema por um convento 11-12

Um herói, másculo, simpático... e impaciente 18-19

Cine-Romances:

Garôtas da Praça de Espanha 12

O céu está em tôda parte 16-17

Seções permanentes:

Comentário: "No Front Paulista do Cinema Nacional", por Alberto Dines 3

Estréias no Mundo do Cinema 6

Telas da Cidade, por Livio Dantas 8-9

Noticias e Comentários do Cinema Nacional, e Atrás das Cameras 10

Cine-Mundial 13

Hollywood Boulevard 15

Cena Responde e Cine-Critica do Leitor 20

RÁDIO

Reportagens especiais:

Emilinha, a nova rainha do Rádio 21-22-23-24

Paulo Gracindo 25-26

O Baile do Rádio 27-28-29

Seções permanentes:

Sintonizando e Rádio-Social.. 33

Rádio-Novela:

As Rosas de Maria Angélica, 25º capitulo, de José Fernandes 31-32

COMENTÁRIO

NO FRONT PAULISTA DO CINEMA NACIONAL

DESDOBRAMENTO: A Vera Cruz anuncia que para apressar as filmagens de sua super-produção "Sinhá Moça" que deverá ser lançada em abril próximo, foi desdobrada a sua equipe em duas outras: uma dirigida por Tom Payne e outra por Osvaldo Sampaio, seu assistente e colaborador. Alguns dados sôbre o filme: foram utilizados cêrca de 1.800 figurantes e entre êles cêrca de 400 de côr. Foi reconstituída e ambientada a cidadezinha que serviu para "Tico-Tico no Fubá"; um pequeno trecho de estrada de ferro foi construído para a movimentação de uma composição da época.

VITÓRIA: "Cangaceiro" além de ser um ponto alto no cinema nacional é a confirmação da vitória do nosso cinema. Depois de ficar quatro semanas em cartaz (as duas últimas em um cinema sòmente), o filme foi lançado em outros três. Os exibidores chegaram a homenagear a Lima Barreto com um banquete. A renda em São Paulo atingiu a 4 milhões de cruzeiros, esperando que atinja aos 15 milhões quando fôr exibido em todo Brasil. PARABÉNS!

MOVIMENTO: Civelli continua movimentando São Paulo. Seu filme "O Destino em Apuros", rodado em tecnicolor, está já na metade das filmagens e notícias vindas de Hollywood, onde os negativos estão sendo revelados, referem-se a ótima qualidade da fotografia de H.B. Corel (de "Festa Brava", da Metro). As filmagens em estúdio revezam-se com diversas locações (a última delas foi no museu e no parque Ipiranga). Dirige o filme Ernesto Remane (antes da Universal e da UFA), mas sabe-se que Civelli tem acompanhado como produtor cada take filmado. Èxito é o que desejamos.

FURO!: Todo o mundo chorou a morte da Maristela, todo o mundo chorou... Mas o cinema nacional está em época de tantos e tamanhos contrastes que soube-se (quase que oficialmente) que a emprêsa dos Audra comprará novos estúdios e equipamento para dedicar-se exclusivamente a filmes para a Televisão, inclusive de longa metragem. E' engraçado como o cinema procurando se defender da TV fornece-lhe as armas para o seu próprio fortalecimento. Fazemos votos para que a futura Maristela-TV comece um pouco mais calmamente de que sua homônima.

NOVA AQUISIÇÃO: Diná Mezzomo, a estrêla carioca, foi contratada pela Vera Cruz para fazer um filme dirigido por Rudgerro Jaccobi com argumento de nosso veterano e eficiente Alinor Azevedo.

ALBERTO DINES

NOSSA CAPA

Paulo Gracindo, o notável radiator e produtor da Rádio Nacional, sôbre o qual apresentamos uma interessante reportagem nas páginas 25 e 26. (Foto HALFELD).

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor: Gratuliano Brito — Assistente: Renato de Alencar
Publicidade: Severino Lopes Guimarães
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES:

Redação 22-4447
Publicidade 22-9570
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»
Distribuição e Publicidade em São Paulo: AGÊNCIA ZAMBARDINO, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números).	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 núm.)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro..	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,00



César Cruz, Dóris Monteiro e Roberto Batalin em «Agulha no Palheiro»

A SEXTA PRODUÇÃO DA FLAMA

FADA SANTORO E DÓRIS MONTEIRO DISPUTAM AS HONRAS DO ELENCO EM "AGULHA NO PALHEIRO"



Savina Marques, Sara Monteiro e Dóris Monteiro, numa cena do 6º filme da Flama

CONCLUÍDO RECENTEMENTE NOS ESTÚDIOS DAS LARANJEIRAS, NO RIO, O FILME "AGULHA NO PALHEIRO" – PRÓXIMO LANÇAMENTO NO RIO E EM SÃO PAULO – A ESTRÉIA DO DIRETOR ALEX VIANY E A ÚLTIMA PRODUÇÃO DO VETERANO MOACYR FENELON – UMA COMÉDIA SENTIMENTAL E HUMANA, NUM FILME DE BOM GÔSTO E INTELIGÊNCIA – OUTRAS NOTAS

Por LUÍS JORGE

Efetivamente não há hoje quem desconheça as atividades dos estúdios da Flama. Diz êsse conhecimento que a Flama teve à seu cargo a realização de cinco películas muito bem recebidas pelas platéias do Brasil: "Dominó negro", "Falso detective", "Milagre de amor", "Tudo Azul", "Com o diabo no corpo" e, mais recentemente, "Agulha no palheiro". Especialmente êsses três últimos filmes dizem bem do valor do pessoal da equipe técnica e artística que constitui a Flama, inclusive alguns velhos lutadores como Moacyr Fenelon, diretor-técnico dos estúdios das Laranjeiras, no Rio, que tem seu nome ligado a diversos e bem sucedidos empreendimentos do nosso cinema. E, na verdade, não que negar, diante de "Tudo Azul", a existência do melhor filme do gênero musical-carnavalesco já realizado no Brasil, cujas rendas ultrapassaram, em muito, aos grandes êxitos do cinema internacional nas nossas principais praças. A "Flama" em 1952 lançou "Tudo Azul" e "Com o diabo no corpo". As modernas e completas instalações dos estúdios cinematográficos, acabam de editar a sexta produção da Flama, desta feita uma comédia-realista realizada à base do gôsto das mais exigentes platéias. Trata-se de "Agulha no palheiro".

AS RECOMENDAÇÕES DO FILME

Desta forma, "Agulha no palheiro" traz consigo uma série respeitável de recomendações para o público e para a crítica, na base do conhecimento e da capacidade profissional da equipe dos estúdios da Flama. A direção dessa nova película foi entregue à Alex Viany, que encontra finalmente a oportunidade que tanto esperava para colaborar nessa promissora fase do Cinema Brasileiro. Alex, antigo crítico cinematográfico militante das re-

vistas "Carioca" e "O Cruzeiro", reúne agora a soma da sua experiência adquirida em cinco anos de permanência em Hollywood, se responsabilizando pelo argumento, roteiro e direção de "Agulha no palheiro". Legítima vocação cinematográfica, Alex Viany mostra-se plenamente satisfeito em estar dirigindo aqui no Brasil, integrado numa equipe de lutadores entusiastas e esclarecidos. Como produtor-Executivo do filme figura o nome de Rubens Berardo, que entregue ao veterano Moacyr Fenelon o cargo de diretor de produção de "Agulha no palheiro". Fenelon, responsável por muitos dos mais legítimos sucessos apresentados pelo cinema brasileiro (e citemos aqui, por exemplo, "Obrigado, doutor !", "Gente honesta", "Azas do Brasil", "Tudo Azul" e outros mais), volta assim à ativa, disposto a oferecer novamente um filme tipicamente brasileiro e recomendável pela técnica, pela interpretação e pela direção.

Como diretor de fotografia de "Agulha no palheiro", figura o nome de Mário Pagés, eficiente profissional argentino já responsável pela qualidade técnico-fotográfica de "Tudo Azul", "Quando a noite acaba" (ou "Perdida pela paixão"), "Suzana e o Presidente" e outros filmes nacionais. Êsses, os principais realizadores de "Agulha no palheiro", que se mostram satisfeitos com o resultado de seus trabalhos, certos que estão de terem dado ao público um filme limpo, honesto, capaz de agradar aos renitentes e esperançosos freqüentadores e fãs do nosso cinema.

OS PRINCIPAIS ARTISTAS

Além das qualidades acima enumeradas, há ainda em "Agulha no palheiro" um elenco realmente privilegiado, pois além de contar com alguns dos mais populares do cinema de casa, lança grandes revelações de comediante nas pessoas de Dóris Monteiro, Roberto Batalin, Helba Nogueira e Sarah Nobre. E' de se esperar muito dêsses artistas nacionais que emprestam agora os seus talentos à interpretação de "Agulha no palheiro", cuja "estrêla" é a nossa conhecida e aplaudida Fada Santoro. Sarah Nobre e Helba Nogueira confirmam a excelência da interpretação do filme.



Hélio Souto e Jackson de Souza no filme dirigido por Alex Viany

Dóris Monteiro, revela-se como Elisa, na nova produção do estúdio das Laranjeiras



O ARGUMENTO DE "AGULHA NO PALHEIRO"

Classificado pelo seu autor como uma "comédia-realista", "Agulha no palheiro" tem por base a histórica seguinte: — "Mariana (Fada Santoro), vem do interior para a casa de seu primo, o "Baiano" (Jackon de Sousa), a procura de um tal José da Silva (Hélio Souto), jovem por quem ela se apaixonara e por quem havia sido enganada. Em casa do "Baiano", lar de gente humilde em pleno borborinho da Cidade Maravilhosa, Mariana vem a conhecer Eduardo (Roberto Batalin), que exerce a profissão de motorneiro de bonde. O "Baiano", que é profissional do volante, trabalhando em auto-lotação, verifica que cada dia vão se estreitando mais os laços de amizade entre Mariana e Eduardo, a ponto daquela quase já ter se esquecido do jovem José da Silva, o qual, entretanto, continua sendo procurado como uma agulha no palheiro enorme que é o Rio de Janeiro. Afinal, com ajuda de Elisa (Dóris Monteiro), irmã do "Baiano", dêste, do próprio Eduardo e de Dona Adalgisa (Sarah Nobre), mãe de Elisa, Mariana vem a encontrar José da Silva. E tem então de escolher entre o grã-fino da cidade e o motorneiro que conhecera em casa do "Baiano". — Está prevista para abril próximo vindouro a estréia dessa nova realização da Flama.

Fada Santoro e Roberto Batalin na cena final de «Agulha no Palheiro»







A cena final de «E' Fogo na Roupa», com Adelaide Chiozzo, numa apoteose no Rio

ESTRÉIAS no MUNDO do CINEMA

"E' FOGO NA ROUPA"

Viva Watson Macedo! Vivam os que tomaram parte em "E' fogo na roupa", e que tiveram fôrças para levantar o cinema nacional de onde quase que o afundavam completamente alguns filmes exibidos nesse conturbado período carnavalesco. Foi Watson Macedo quem evitou a catástrofe e quem nos fêz voltar às pazes com os estúdios indígenas, tudo devido ao seu "E' fogo na roupa" que não é nenhum assombro, nenhuma obra-prima, nenhuma superprodução, mas é um filme que tem, como o corpo humano, cabeça, tronco e membros. As últimas produções brasileiras que vimos eram horrendamente disformes. Ou não tinham tronco e tinham membros, ou dispunham das duas coisas destituídas de um particular assaz importante que parece ser, ainda, a cabeça. Em "E' fogo na roupa", o diretor dirige. O fotógrafo fotografa. Os artistas representam. E até mesmo os cantores de rádio estão cuidadosamente circunscritos a seus limites. Os números musicais são todos organizados com bom gôsto. A própria trama, que em filmes dêsse gênero é sempre uma coisa secundária, está bem urdida. Violeta Ferraz e Heloísa Helena estão excelentes nas caricaturas que apresentam, podendo-se dizer o mesmo de Ankito e Spina.

Resta, agora, que o sr. Watson Macedo deixe um pouco de mão os hotéis (Copacabana Palace em "Carnaval no Fogo" e Quitandinha em "E' fogo na roupa) e traga seu cinema para o meio da rua ou para qualquer outro lugar. Com seu talento e seu "know how", muita coisa boa dêle podemos esperar.

VEREDICTUM — Comédia musical-carnavalesca, vista de conjunto, bem imaginada, bem montada, bem dirigida e bem interpretada. Será um sólido sucesso no gênero.

"HANS CRISTIAN ANDERSEN"

Era uma vez, vivia na aldeia de Odense, na Dinamarca, um sapateiro-remendão chamado Hans Cristian Andersen (Danny Kaye). A primeira vez que vamos encontrá-lo, o herói está às voltas com as autoridades locais. As histórias que êle costumava contar eram tão atraentes que as crianças abandonavam a escola para escutá-lo. Decidiram as autoridades desterrar Hans da aldeia. Antes, porém, que pudessem fazê-lo, Hans parte para Copenhague, a conselho de Peter (Joey Walsh), seu aprendiz. Em Copenhague, o remendão é prêso por subir numa estátua para assim atrair transeuntes. Peter consegue escapar da polícia refugiando-se na entrada de um teatro. Aí, ouve um homem perguntar a outro onde seria possível encontrar um sapateiro, naquele feriado. Peter lhe informa que conhece um. Hans é retirado da prisão e levado para o teatro onde lhe incumbem de consertar os sapatos da bailarina Doro (René Jeanmaire). Logo que a vê, Hans fica apaixonado, ignorando que a moça é casada com o mestre de ballet, Niels (Farley Granger). No dia seguinte, Hans surpreende Doro e Niels numa briga e vem a saber que eram casados. No momento em que se intromete para apaziguar o casal, é jogado fora do teatro. Supondo que Doro é muito infeliz com seu espôso, Hans lhe escreve uma carta na forma de um conto de fadas. À noite, Peter apanha a carta para lê-la, escondido de Hans, quando uma ventania arrebata-a de suas mãos, arrastndo-a até ao teatro. Peter tenta reaver a carta, mas o porteiro se recusa a entregá-la dizendo que estava endereçada à bailarina. Para sua surprêsa, Doro conclui que Hans escreveu um lindo conto para ballet. Peter volta a casa e diz a Hans que a bailarina recebeu a carta. O remendão corre para o teatro, mas a companhia já tinha saído da cidade para a sua excursão anual.

Hans volta, então, a seus hábitos de contar histórias para crianças. Uma delas foi impressa pelo pai de um pequeno escutador e assim êle se inicia como escritor. A companhia de ballet retorna a Copenhague e na noite de estréia o ballet de Hans é apresentado. Vai ao teatro levando um presente para Doro, mas o diretor impede-o de vê-la. Quando êle persiste, é trancafiado num quar-

(Cont. na pág. 34)

A bela dançarina francesa Jean Marie, personagem de «Hans Cristian Andersen»

Farley Granger e Jean Marie numa cena de amor de «Hans Cristian Andersen»



"CANGACEIRO"

A MAIOR REALIZAÇÃO do CINEMA NACIONAL

Pré-lútica de ALBERTO DINES

Foi auspicioso encontrar São Paulo vivendo "Cangaceiro". O filme ficou uma, duas, três e quatro semanas em cartaz, as platéias lotando o cinema completamente. São Paulo falava em "Cangaceiro", percebia que o cinema nacional é um fato, notava a sua evolução, cantava e assobiava as belas músicas do filme. O cinema nacional tinha alcançado um marco inédito. — agradará.

Sentamo-nos na poltrona com a ansiedade e expectativa de todo o Rio de Janeiro nos apertando a garganta. As imagens iniciais marcam o filme. Fazem prever suas qualidades e deficiências. O nó na garganta desfez-se e, então, nos metemos dentro de "Cangaceiro".





Há um demérito inicial e total na obra do Lima Barreto que é necessário apreciar devidamente mas depois abstrair para que a obra não fique inteiramente comprometida e considerada negativamente.

Em algumas palavras: Lima Barreto pôs fora (e inutilizou, por algum tempo) um tema grandioso em sua amplitude humana e social, e maravilhoso por sua beleza e pureza nacional — O Cangaço.

Mas Lima Barreto logo no início se justifica: a obra não é um documento, mas ficção e, assim, êle se exime de pintar o esperado retrato social, histórico e humano daquele problema e onde se misturam revolta, maldade, bondade e, acima de tudo, uma beleza selvagem e pura. «Cangaceiro» é sòmente a história de rivalidade entre o Capitão Galdino e Teodoro, seu lugar-tenente, e temperada por um amor entre Teodoro e uma cândida professorinha do interior.

Mas, sabemos porque Lima Barreto depois de sonhar dez anos com sua obra realizou-a incompleta e, à primeira vista, leviana. Nós conhecemos o pensamento e o gôsto dos produtores cinematográficos e sobretudo dos produtores nacionais... Soubemos através da «história Secreta de Cangaceiro» publicada (e para nós contada) por Matos Pacheco, da «Última Hora», da luta que Lima Barreto enfrentou na produtora, não só antes mas durante a sfilmagens de sua obra. Por isto, o desculpamos.



De qualquer forma, obrigado ou não, Lima Barreto orientou sua obra dentro do espírito que animou os mestres do «western» americano. «Cangaceiros» e como um bom «western» ou um filme de «out-laws» (guardando, é claro, as devidas diferenças), onde o acontecimento histórico e social norte-americano serve para que a obra seja construída à sua sombra. «Cangaceiro» tem a mesma profundidade temática de um «High Noon» ou de um «Stage-Coach» em que mais é explorado o conflito humano — ficção — e menos o «background» histórico-social.

A REALIZAÇÃO — Todos elogiam a fotografia de Chick Fowle. Mas não é sòmente a iluminação, os contrastes fotográficos ou a movimentação de câmara que credita a obra. E' a valorização da Imagem o seu grande, muito grande mérito e nisto se conjugam os trabalhos do Lima Barreto, de Caribé (o desenhista de produção cujos croquis ilustram esta página) e do fotógrafo Fowle. E esta valorização da Imagem significa composição e enquadração cuidadíssimas, utilização excelente do primeiro plano (e conseqüentemente, o uso de planos dentro do «shot», e uma linguagem cinematográfica excelente em alguns momentos (mas fraca, falsa, requintada e pretensiosa em outros).

E todo êste ótimo tratamento plástico que, pois, não é só fotografia, entroza-se admiràvelmente bem com as maravilhosas canções folclóricas, algumas tiradas do folclore nordestino e outras compostas por Zé do Norte. Graças às variações e arranjos do maestro Migliori tais canções e temas converteram-se em excelente «background» emocional e em esteio rítmico da obra.

A OBRA — Em seu aspecto total o filme de Lima Barreto prende e amarra o espectador à sua trama, se bem que teatralmente primária em sua exposição (apresentação, conflito e desenlace). Mas, é no seu climax que o filme deixa de ser uma mera exibição plástica em que o espectador abandonava a obra para admirá-la visualmente para, então, converter-se em algo que verdadeiramente amarra todos os sentidos provocando aquela identificação do crescendo da obra com o dos sentimentos. As situações em si estão bem realizadas se bem que a ligação de uma com a outra (eterno problema dos cenaristas e diretores nacionais!) seja mal alinhavada. Pequenos problemas essencialmente de realização que engasgam os realizadores nacionais foram aqui solucionados e transpostos com desembaraço e fôrça (a morte do cangaceiro traidor pelo «galope», etc.). Quase ridícula, entretanto, é a seqüência do combate entre a volante e o grupo de bandoleiros. Não se trata do péssimo desempenho de Lima Barreto (fazendo capitão da volante), mas da puerilidade no construir aquela seqüência (que poderia ser uma das melhores do filme), sem que não fôsse frisada suficiente e prolongadamente a tensão entre os dois grupos que foi, justamente, a causa do ataque histérico do capitão da volante (contraponteada por um outro ataque histérico do protagonista).



No elenco sobressai Milton Ribeiro fazendo o Capitão Galdino com uma excelente máscara facial, e uma voz e inflexão dura e ríspida que, aliás é coisa mais autêntica da fita. Sem conhecermos a voz de Lampeão «sentimos» que a voz dêle deveria ter sido assim... Alberto Rushel e Marisa Prado, que já deram performances razoáveis, estão (feliz ou infelizmente?) apagados.

«O Cangaceiro» é a maior «realização» do cinema nacional. E' mais um degrau que o cinema nacional ascende. Mas também não é o tanto que a êle se quer atribuir. De qualquer forma: Parabéns!





TELAS DA

O AMOR NASCEU EM PARIS

(Lovely to Look At)

Não somos das pessoas dadas a comparações. Em se tratando de cinema, particularmente, um filme vale pelo que é, e não pelos pontos de referência que por ventura tenha com outras realizações. No caso, porém, de um musi-colorido da Metro, somos tentados a penetrar no domínio das comparações e assim nos lembramos logo de «Sinfonia de Paris» e de «Cantando na Chuva». Nominamos êsses dois filmes, não porque signifiquem o mais positivo sucesso no gênero que a marca do leão já nos deu, mas porque representam o comêço de uma nova orientação que se procura dar aos espetáculos musicais. Pois, «O Amor Nasceu em Paris» não segue essa orientação e é mesmo um filme que já nasceu velho e que não consegue impressionar dentro de sua natureza, estando bastante distanciado daqueles dois filmes de Gene Kelly. Afora os números de dança de Marge & Gower Champion, incontestàvelmente a melhor dupla de bailarinos que já apareceu no cinema, superior mesmo ao famoso par Fred Astaire-Ginger Rogers, tudo o mais não apresenta novidade e só consegue se impor pelo exuberante colorido, pelo indisfarçável luxo e pelas melodias sempre agradááveis de Jerome Kern.

Kathryn Grayson, Howard Keel, Red Skelton e Ann Miller têm «performances» como de costume. Mas a nota sensacional do filme é a inclusão de Zsa Zsa Gabor no elenco, não pelo que ela faz que, afinal, se reduz a uns gritinhos e algumas risadas fora de propósito, mas pela aura de escândalos que ela criou em tôrno de seu nome fora da tela.

«O Amor Nasceu em Paris» é, pois, um musical sem grandes momentos dirigido pelo veterano Mervyn Le Roy. Enfim, se vocês quiserem conhecer Zsa Zsa Gabor, lá está ela com tôda a sua «coquetterie» magiar EMBASBACANDO OS POBRES AMERICANOS...

O QUARTO MANDAMENTO

(The Mating Season)

Por duas vêzes, em tôda a sua filmografia, a beleza de Gene Tierney constituiu um motivo de divagação à parte na análise geral do filme. A primeira foi em «Tensão em Shangai» onde apareceu com uma beleza deslumbrante, tão deslumbrante como os brilhantes caríssimos que usava. A segunda é neste «O 4º Mandamento» em que ela surge ante nossos olhos despreocupada, natural, dentuça e linda. Sempre fomos dos que admitem que a Tierney é uma das mais completas «estrêlas» do cinema, não lhe faltando inteligência e naturalidade para interpretar o tipo que quiser. Sobretudo naturalidade. Nada mais natural para Gene Tierney do que a beleza de Gene Tierney. Assim como nada é mais artificial para uma Marlene Dietrich, por exemplo, do que a beleza natural de Marlene Dietrich.

Desculpai-nos essa digressão, leitores. Mas sem ela, não poderíamos começar a falar bem dessa comédia gostosa que Mitchell Leisen nos deu «O 4º Mandamento» — e que os exibidores lançaram com tanto receio. Não vemos motivos para receio quando um filme trás o nome de Leisen, de Gene Tierney, de Miriam Hopkins, de Thelma Ritter e, esporàdicamente, de John Lund.

Temos aqui a história complicada de um casal formado de diferentes camadas sociais. Êle, um pobre-diabo filho de uma botequineira especialista em almôndegas. Ela, um rebento da aristocracia mais refinada com pai embaixador e mãe «snob». Com sua classe peculiar, Leisen conduz a trama com uma facilidade de narração espantosa até o «happy end» que aqui não é uma surprêsa, mas uma conseqüência lógica e esperada. Enfim, um «happy end» não faz mal a ninguém e é bom mesmo que tôdas as histórias terminem assim. Aqui e ali o velho diretor lembrou-se de aplicar algumas tiradas chaplinianas a sua comédia, dando um certo vigor simbólico à personagem encarnada por Thelma Ritter.

Miriam Hopkins tem oportunidade de mostrar nesse filme a excelente e versátil atriz que é.

Como diversão, «O 4º Mandamento» tem tudo para agradar desde a beleza de Gene Tierney à direção de Mitchell Leisen.





BAIRRO DA PERDIÇÃO

(Barrio de Perdicion)

Há quem não leva a sério o cinema mexicano no tocante ao pobre aproveitamento de idéias e ao estilo que os astecas conseguiram imprimir às suas realizações. A apresentação repetida de temas passionais com fundo em «bas-fond», a devassa sempre crescente em motivos folclóricos e o requinte em penetrar em literatura de almanaque, tudo isso faz com que já nos pareça uma arte estéril o cinema na terra de Juarez. E' deveras lamentável testemunhar êsse fato, uma vez que os mexicanos já são donos de uma técnica cinematográfica só mesmo comparável aos americanos. Pràticamente, nada lhes falta aprender em matéria de técnica e é precisamente êsse desequilibrio entre a técnica e a arte que impede o cinema mexicano de impor-se como podia muito bem.

«Bairro da Perdição» é mais que um exemplo do filme tècnicamente impecável porém com um conteúdo barato, do filme ótimo como **cinema,** mas muito ruinzinho como **história** para cinema, é um modêlo.

Deparamo-nos em «O Bairro da Perdição» com um violento drama passional tendo como cenário a ilha de Margarida, nas Antilhas, entrando em jôgo instintos degenerados, taras e magia negra. Hugo Christensen sabe como dirigir um assunto dessa natureza, tirando partido muito mais do ambiente e

(Cont. na pág. 30)

CIDADE

LÍVIO DANTAS

LÁGRIMAS de MULHER

(Close to my Heart)

«Lágrimas de Mulher» aborda o drama dos casais sem filhos. Prevenimos aos leitores que ainda não viram o filme de que não se trata aqui de um estudo aprofundado dêsse problema que tanto pode ser biológico como social. O filme não é nenhuma incursão maçuda nem no domínio de um nem de outro. E' um melodrama com forte dosagem de sentimentalismo contado num tom singelo e emotivo.

Gene Tierney faz uma espôsa que não pode ter filhos. Essa contingência lhe rouba a felicidade do lar, em que pese a harmonia em que vive com seu espôso, Ray Milland. Para êste é indiferente um lar com ou sem crianças e sob o ponto de vista do comodismo é bem melhor que elas não apareçam. Mrs. Sheridan porém trata de adotar uma criança enjeitada e nesse ponto começa pròpriamente a história que será uma lição aos que adotam filhos alheios, tocando, embora de leve, na questão dos caracteres genético-hereditários.

Sem ser um filme sério, «Lágrimas de Mulher» é no entanto uma bela realização de William Keighley. Gene Tierney, que está tão encontradiça nesta semana, vive com segurança o seu papel, coisa que não será novidade.

Um particular que certamente chamará a atenção de todos que virem êsse filme é o teste de inteligência feito com uma criança de poucos meses, em que o pimpôlho se porta como um autêntico ator. Ou o guri saberá que todo mundo é artista em seu ambiente?



NOTÍCIAS e COMENTÁRIOS do CINEMA NACIONAL

Em São Paulo, onde o público paga Cr$ 12,00 pela poltrona e ainda por cima vê-se obrigado a assistir a exibição, de pelo menos um trecho de filme de propaganda comercial, não mais terá que aturar aquela xaropada. Daí, ter surgido a oportunidade do projeto-lei que o vereador José Nicolini resolveu apresentar à Câmara Municipal. Muito bem fundamentado, segundo consta da propositura encaminhada, ficará terminantemente proibida a exibição de filmes de propaganda comercial durante os espetáculos cinematográficos. Será a mesma medida tomada no Distrito Federal?

★

A Cia. Siderúrgica Nacional nos proporcionou a exibição do documentário intitulado "Volta Redonda", uma produção Cavalcânti, argumento, direção e montagem de John Waterhouse; comentários de Benedito Duarte, fotografia de Jacques Dehenzelins e música de Cláudio Santoro. O documentário tem a duração de 25 minutos, é bastante interessante, pois focaliza diversos aspectos, desde a extração do manganês até os trabalhos do alto forno.

Como defensor do "documentário", apenas quero ressaltar o valor da música, composta pelo Santoro, que é uma verdadeira sinfonia. A única crítica que faço é em relação à parte da narração.

Enfim, é um média-metragem que, se possível fôsse, deveria ser exibido em tôdas as telas brasileiras, para se poder avaliar melhor o que é o colosso chamado "Volta Redonda".

★

Maria Felix vem filmar no Brasil. Depois do sucesso obtido por Maria Antonieta Pons, aqui, no nosso cinema, tudo faz crer que teremos, ainda êste ano, além de Maria Felix, também Ninon Sevilla. Pelo que se vê, a produção de filmes no Brasil está realmente interessando a produtores estrangeiros que aqui já vieram. Primeiro Kaufmann, depois Robert Stilmann e o terceiro, James Prades.

★

O galã Miro Cerni foi contratado pela Cia. Vera Cruz, do S. Paulo. Miro fará sua estréia numa película policial que será dirigida pelo cineasta italiano Bonini.



Ilka Soares estréia na Vera-Cruz num policial, «Esquina da Ilusão». Ei-la num momento de pavor

ATRÁS das CAMERAS

Por MR. TAKE

O colega de redação, Paulo Brandão, achou que em "Carnaval Atlântida", a melhor coisa foi a cena de Jam Session na qual tomaram parte: Dick Farney (piano), Cill Farney (bateria), Dinarte (guitarra) e finalmente Caco Velho (contrabaixo).

★

Carlos Cotrim, astro do cinema brasileiro, está às voltas com um argumento de sua autoria, no sentido de arranjar um capitalista.

Diga-se de passagem, que a história é muito boa e que bem merece uma oportunidade.

★

A Topaze (sra. Samuel Wainer) revelou-se o pior crítico de cinema, quando afirmou que Pieralisse é melhor do que o mestre Alberto Cavalvacânti. Vejam só: disse que "cão Gangorra" é superior a "Simão, o Caolho". Qual! só mesmo ela é que poderia sair com um disparate dêstes...

★

Tudo faz crer que o único produtor do Rio de Janeiro que continuará a fazer fitas aqui, é o renomado Lulu de Barros.

Vieram para ver de perto o nosso carnaval, os seguintes astros do cinema americano: Gloria de Haven, Broderick Crawford, Allen Whellan e Cesar Romero.

★

A fitinha do Watson Macedo está batendo o record de "Scaramouche", nos cinemas de Friburgo (cidade natal do cineasta).

★

O furo da semana, obtido através dos muros do beco do Inferno, é que Luz del Fuego vai fazer filmes também.



Primeira cena do «Luz Apagada», filme que Thiré dirigiu em Angra dos Reis para a Vera-Cruz

JUNE HAVER VAI TROCAR O CINEMA POR UM CONVENTO



Com êsse lindo palmo de rosto, June Haver vai entrar para um convento. Quais os motivos do sua renúncia às glórias do cinema?

Hollywood, um ótimo lugar para despertar a vocação religiosa

Por JOE MICHAELSON

A péssima fama de que Hollywood é um centro de perdição de há bastante tempo que já não tem nenhum vigor. Não passa de uma balela. E se é verdade que a árvore se conhece pelos frutos que dá, temos fundadas razões para dizer que a capital do cinema é uma boa árvore. Lá, a virtude floresce como em qualquer outra parte do mundo e o pecado também tem o seu lugar como tem, de resto, no universo inteiro. O que não se pode afirmar, sem se incorrer em precipitação, é que os vícios predominam na pátria dos mitos cinematográficos. Não predominam. Exemplos há em Hollywood de atores e atrizes que vivem rigorosamente dentro de preceitos morais e religiosos impostos por suas crenças, sejam êles católicos, protestantes e israelitas. Todo o mundo sabe que Irene Dunne, Loreta Young, Pat O'Brien, Ann Blyth, Bing Crosby e outras são modelos de pessoas que seguem com devotamento a religião que professam. De Hollywood já saiu para a vida do claustro um ídolo como José Mojica e agora é a vez de June Haver, uma atriz talentosa, jovem, bonita e em excelentes condições de popularidade e de vida econômica.

Em qualquer filme musical que June aparece, há sempre uma garantia de sucesso e de bons lucros para os estúdios. Todos estamos lembrados de "As Irmãs Dolly", "Fantasia do Amor" e, mais recentemente "Vo-



June Haver e o seu ex-marido Jimmy Jito



June Haver e Lon McCallister numa cena romântica dum filme da Fox



June Haver em companhia de Ricardo Montalban e Georgiana Young, numa foto recente

cação Proibida", comédias alegres e divertidas valorizadas enormemente pela graça e pelo encanto de Miss Haver. Não se pode, pois, aventar a hipótese de que ela vai se refugiar na vida monástica por um possível fracasso artístico ou dificuldades de vida. Desde 1947, quando apareceu com um papel de destaque em "Amor Juvenil", até os dias de hoje, ela vem filmando ininterruptamente no gênero leve e tão ao gôsto da mocidade que é a comédia musical. Seu último filme apresentado, "The Girl Next Door", com Dan Dailey, já conquistou gerais aplausos das platéias americanas.

O que acontece com June é que ela é uma pequena de meticulosa formação religiosa que sempre procurou viver pelos princípios da Fé. Ela própria, num artigo que escreveu para a revista "Screen Stars", disse: "A Fé não é ùnicamente o meu guia. E' a razão de minha felicidade. Muita gente pensa que ter fé significa procurar o sofrimento, ser um mártir e viver com a cara amarrada. Não vejo razão para se ligar uma crença religiosa a idéias tão tristes e depressivas. Em vez disso, a fé significa voltar-se para Deus nos momentos de alegria e pensar n'Êle na felicidade e também na desgraça".

Como estamos vendo, as linhas que June assina poderiam ser assinadas por qualquer místico, santo ou teólogo. Não é surpresa, pois, que com êsses sentimentos, a linda estrêla se cansasse, em plena mocidade, dos prazeres da vida mundana.

Não faz muito tempo, June Haver passou pelo Rio de Janeiro tomando parte numa representação de artistas que iam ao Uruguai. Na Cidade Maravilhosa, os demais elementos da embaixada cuidaram logo de conhecer os seus pontos de atração. Para espanto geral, quando Lizabeth Scott, Reginal Gardner, Constance Moore e outros divertiam-se em Copacabana, os repórteres foram encontrar June Haver rezando e comungando numa igreja.

Um fato que contribuiu para acentuar o misticismo de June foi a morte inesperada de seu noivo, Dr. John Dusik, quando ela filmava "Vocação Proibida" (The Daughter of Rosie O'Grady). Dr. Dusik era para ela tudo na vida e com êle sonhava em realizar sua felicidade. Um súbito desenlace veiu privar a atriz da pessoa que amava profundamente. Daí então sua vida espiritual começou a intensificar-se, visitando anualmente os lugares santos na Palestina, sendo recebida pelo Papa, comparecendo de iniciativa própria aos hospitais e asilos para alegrar os enfermos e necessitados de confôrto espiritual.

Agora, tudo culmina com a sua ida para um convento, como ela própria fêz anunciar a seus amigos. Perde assim o cinema uma de suas mais lindas estrêlas. Mas, quem sabe se a Igreja não vai ganhar um nome para seus altares?

June Havor tal como aparece em seu último filme «The Girl Next Door»



CINE-MUNDIAL



Estados Unidos

Após uma intervenção cirúrgica de trágicas conseqüências, faleceu no St. Clare's Hospital o ator Alan Curtis. Apareceu pela primeira vez no cinema no filme «Winterset», em 1938. Foi casado três vêzes, uma delas com a atriz húngara Ilona Massey.

★

A última novidade em matéria de uso de anéis é a que Greta Garbo instituiu, como foi vista há pouco em Nova York: duas alianças, uma em cada mão e colocadas no dedo médio.

★

Correm rumores em Hollywood de que Deborah Kerr é quem vai encarnar a Rainha Vitória da Inglaterra no filme «Victoria Regina». Êsse papel está sendo largamente cobiçado pelas grandes atrizes do cinema americano.

★

Vanessa Brown perderá seu sobrenome, de agora por diante. E' que os produtores pretendem reapresentá-la como simplesmente «Vanessa». Será que isso vai lhe trazer sorte?

★

Em seu próximo filme «The House of Humility Stret», Ava Gardner terá o papel de uma cantora de cabaré parisiense que seduz um rapaz que está se preparando para ser padre em Roma...

★

Lucille Ball e Desi Arnaz, depois de um retumbante sucesso na televisão, acabam de ser contratados pela Metro para interpretar uma película que se chamará «The Long, long Trailer».

★

A notícia mais sensacional que Hollywood oferece é a união de Ava Gardner e Marlon Brando no filme «Antônio e Cleopatra», para início de filmagem no próximo outono.



Inglaterra

Claire Bloom assinou contrato com Alexandre Korda para um filme que será dirigido por Carol Reed. Para o papel masculino dessa produção ainda sem título foi convocado o ator James Mason.

★

Itália

Depois de ter terminado «Anjos na Calçada», a atriz Alida Valli retornou a Hollywood, onde iniciará brevemente um filme. A Valli não tem falado mais em abandonar o cinema.

★

Foram adquiridos pela Lux Film os direitos autorais e de reedição cinematográfica de «Cabiria», de Gabriele D'Annunzio. «Cabiria» foi realizado pela primeira vez no ano de 1913, por Giovanni Pastrone.

★

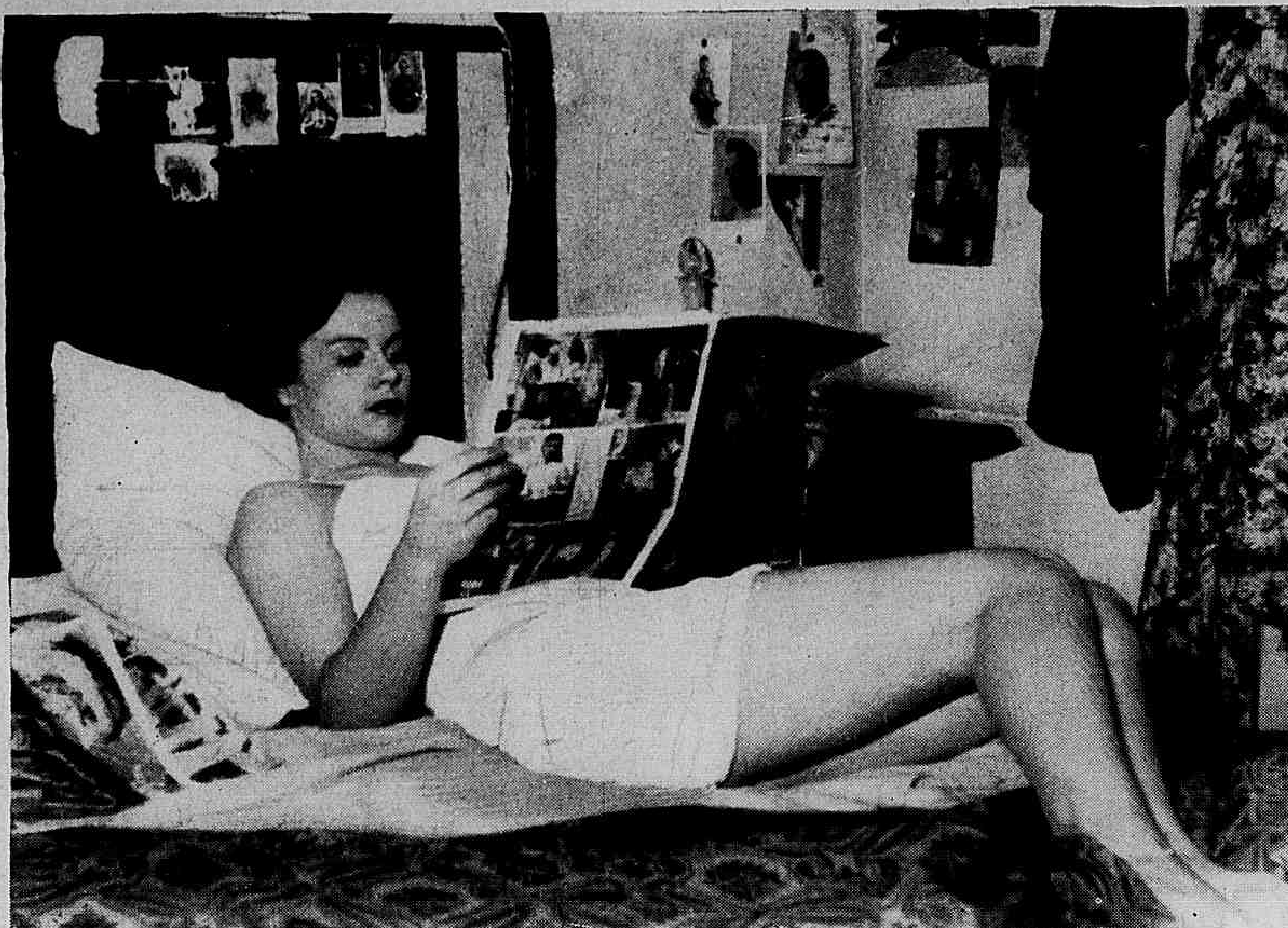
Anuncia-se para êste mês o início da filmagem, em Roma, de «Circe, Imperatrice nuda». Para o papel de protagonista foi escolhida Gina Lollobrigida, a «Gina nacional» italiana.

★

O govêrno italiano, por iniciativa do Diretor Geral do Espetáculo, Dr. Nicola De Pirro, resolveu criar duas bôlsas de estudo para jovens brasileiros a fim de que possam inscrever-se em um dos cursos especializados do Centro Sperimentale di Cinematografia, de Roma, para os anos letivos que se iniciarão em 1 de novembro de 1953 e terminarão com o encerramento dos cursos em 1955. Os têrmos do edital para a apresentação dos candidatos serão conhecidos, dentro em breve, pelo Instituto Cultural Italo-Brasileiro, de São Paulo, ao qual foi confiada a tarefa de recolher a documentação necessária que habilite os candidatos a qualquer dos concursos.

★

Entre os novos filmes da produção italiana que se encontram em fase de preparação, temos: — «Italia mia», de Rosselini; «Terza liceo», de Luciano Emmer, com atores não profissionais; «Via Sistina», e «Gli uomini sono caolpevoli», ambos de Giuseppi De Sanctis.



Marisa, Helena e Lucia são três garôtas pertencentes a modestas famílias residentes nos subúrbios e trabalham na cidade em um atelier de costura na Praça de Espanha, o centro romântico e paraiso dos aventureiros de Roma. Marisa é noiva de Augusto, chauffeur de uma lavanderia. Helena que vive com sua mãe viúva, está enamorada de Alberto, jovem funcionário de um ministério. E Lucia, cujo pai, é tratador de cavalos de corrida, é cortejada por um jóquei, ela porém, não corresponde, porque êle é muito pequeno.

As relações de Helena com Alberto já ultrapassaram os limites sentimentais e ela luta muito para levar o noivo em sua casa, enquanto isso Vittorio, um viúvo de média idade pede a mão da mãe de Helena em casamento. Alberto que já tem os pés nos estribos e que está tentando conquistar a filha do chefe do seu escritório, toma o caso como pretexto para pôr em dúvida a moralidade da casa e da mãe de Helena. Esta, desesperada se afasta de Alberto, porém passa a sofrer muito pois que amava-o de verdade e, sua mãe percebendo o que se passava procura Alberto e pede explicações das razões que o levaram à rotura das relações com sua filha. Vem a saber que o motivo era o seu próximo casamento com Vittorio. Promete então ao rapaz que irá embora viver no campo e deixará a sua casa para que os dois vivam nela depois de casados. Diante de tanto sacrificio e renúncia Alberto não pôde negar-se a voltar a ter relações com Helena.

Marisa por sua beleza e elegância havia sido promovida a modêlo, depois de uma série de discussões, rompe com Augusto, já que êste se mostrava contrariado com a sua nova atividade.

Um dia Helena descobre que Alberto engana-a e consegue as provas de sua traição. Êste desgôsto arrasta a jovem ao desespêro até que ela tenta

(Cont. na pág. 30)

CINE-ROMANCE

GARÔTAS da PRAÇA de ESPANHA

(RAGAZZA DI PIAZZA DI SPAGNA)

ELENCO:

Marisa	LUCIA BOSÉ
Helena	COSETTA GRECO
Lucia	LILIANA BONFATTI
A mãe de Marisa	AVE NINCHI
A mãe de Helena	LEDA GLORIA
Augusto	RENATO SALVATORE
Marcello	MARCELLO MASTROIANNI
Alberto	MARIO SILVANI

e EDUARDO DE FILIPPO como o sr. Vittorio

Mise en scène de Luciano Emmer — Uma apresentação da Art-Films — Dados técnicos: Cenário, adaptação e diálogos de Sergio Amidei — Imagens de Rodolfo Lombardi A.I.C. — Canções de Mario Ruccione — Engenheiro de som: Vittorio Trentino — Costumes de Fontana — Diretor de produção: Geo G. Agliani — Arquiteto Mario Garbuglia.







HOLLYWOOD BOULEVARD

POR DULCE DAMASCENO BRITO

(Correspondente de A CENA em Hollywood)

O que se diz e o que se ouve na Meca do Cinema

Reiniciando suas atividades — interrompidas com as complicações surgidas após a saida e volta de Howard Hughes aos estúdios — a RKO Radio anuncia duas imediatas super-produções com duas belíssimas "estrêlas": Linda Darnell em "Second Chance" (cuja história passa-se na América do Sul) e Ursula Theis em "Son of Sindbad". E' êste o segundo filme americano da maravilhosa atriz alemã, que já apareceu em "Monsoon", filmado na Índia. Na vida real, Ursula continua seu ardente romance de amor com Robert Taylor...

★

A "estrelinha" Piper Laurie celebrou o seu 21º aniversário em Nova York, onde lhe foi oferecida fabulosa festa no "Clube 21", da cidade dos arranha-céus. Espera-se que, completando a maioridade, Piper resolva casar-se com o produtor Leonard Goldstein, de 47 anos.

★

Esta semana, Anne Baxter conseguiu o divórcio de John Hodiak. Termina, assim, um dos casamentos tidos como mais felizes de Hollywood. E, ao que parece, Anne não está mais fumando charutos...

★

Lucille Ball e Desi Arnaz fizeram um verdadeiro "carnaval" nos seus programas de televisão, quando ela estava esperando o segundo bebê do casal. Segundo o "script" das referidas histórias, Lucille dava à luz um menino e tôda a atenção pública voltou-se para ela quando seguiu para a Maternidade. Pois, imaginem o que aconteceu: também na vida real, Lucille teve um menino, o que nos leva a acreditar nas estranhas coincidências dêste mundo...

★

Mary Murphy, ex-balconista de uma das elegantes lojas de Beverly Hills, foi contratada pela Columbia para ser a "estrêla" de "The Cyclist's Raid", que Stanley Kramer produzirá com Marlon Brando. Menina de sorte, essa Mary!

★

Se vocês gostam de Marilyn Monroe em fotografias, podemos imaginar bem a sua reação quando souberem que a Fox resolveu realizar o seu primeiro filme colorido em terceira-dimensão com a "Loura atômica" como "estrêla"! O filme chama-se "Princesa do Nilo" (o papel de Marilyn naturalmente...) e o galã talvez seja Tyrone Power.

★

De Londres, Laurence Olivier manda-nos dizer que ainda êste ano iniciará a filmagem de mais uma obra de Shakespeare: "O Rei Lear", que êle produzirá, dirigirá, interpretará e participará da adaptação cinematográfica.



Dizem que a cantora Rosemary Clooney será a substituta de Betty Hutton no cinema, mas, como ainda não a vimos na tela, nada podemos afirmar. O fato é que Rosemary foi contratada a longo têrmo pela Paramount. Ei-la ensaiando com Bob Hope uma canção para o filme «Here Come the Girls»

O novo galã da Fox, Jeffrey Hunter, estêve recentemente na Inglaterra filmando «Sailor of the King», com Michael Rennie. Ei-lo em companhia de dois marinheiros autênticos do navio S. S. Cleopatra



Após «O Milagre de N. S. de Fátima», da Warner, Gilbert Roland está novamente em grande evidência em Hollywood. Êle acaba de escrever um livro — «Blood on the Horns» (Sangue nos chifres) — baseado na vida de seu pai, que foi um grande toureiro



Sally O'Moyne (Ann Blyth), uma garôta de onde anos, que vive com seus pais, avô e irmãos, na cidade de Middleton, quando chega à escola verifica que perdeu a pequena maleta na qual levava sua merenda. Depois de invocar a Sant'Ana, de quem é fiel devota, a maleta lhe é devolvida por McCarthy (John Mcintire), que a achou na parte trazeira de seu caminhão

CINE-ROMANCE

O CÉU ESTÁ EM TÔDA PARTE

(SALLY AND SAINT ANNE)



A fé que Sally devota à imagem aumenta dia a dia. Depois de pacientes economias, ajunta o dinheiro necessário para adquirir uma reprodução da imagem que se venera na igreja local. Em cada passo de sua vida, grande ou pequeno, se prostra à seus pés para pedir-lhe conselho e ajuda. Mesmo depois de tornar-se uma linda mocinha, também lhe transmite seus pedidos e pede sua proteção

Dirigida por Rudolph Maté — Guia de James O'Hanlon e Herb Meadow — Produzido por Leonard Goldstein — Filme da Universal-International — Diretor de fotografia, Irving Glassberg, A.S.C. — Direção artística, Bernard Herzbrun e Hilyard Brown — Cenografia, Russell A. Gausman e Julia Heron — Som, Leslie I. Carey e Richard De Wese — Editor, Edward Curtiss, A.C.E. — Vestuário, Rosemary Odell — Diretor de dança, Harold Belfer — Penteados, St. Oegger — Maquilagem, Bud Westmore — Música, Frank Skinner

ELENCO:

Sally O'Moyne	ANN BLYTH
O avô	EDMUND GWENN
McCarthy	JOHN MCINTIRE
Johnny Evans	PALMER LEE
Danny	GUGH O'BRIAN
Lois Foran	KATHLEEN HUGHES
A mãe	FRANCES BAVIER
O pai	OTTO HULETT
Mike	JACK KELLY
Sacerdote Kennedy	GEORGES MATHEWS

Sally O'Moyne (Ann Blyth) vive na cidade de Middleton com seus pais, Mom (Frances Bavier) e Pop (Otto Hulett); o avô (Edmund Gwenn) e os irmãos Mike (Jack Kelly), que sonha vir a ser um grande prestidigitador, Willie (Lamont John), que aspira ser um grande compositor e Danny (Hugh O'Brian), que tem o objetivo de adquirir glória valendo-se dos punhos.

Para Sally não existe outra coisa além de sua fé. Alentada pela devoção que deposita em Santa Ana, nada lhe parece impossível. Em cada passo de sua vida, grande ou pequeno, vai prostrar-se aos pés da imagem, para pedir-lhe conselho e ajuda. Mesmo depois de tornar-se uma bela mocinha, é a ela que transmite seus pedidos e pede proteção.

A felicidade que reina no lar é perturbada sòmente pela lembrança ou presença de um influente personagem municipal, "Dente de Ouro" McCarthy (John Mcintire), que tem uma hipoteca sôbre a casa dos O'Moyne. McCarthy é um irredutível inimigo sempre disposto a causar-lhe o maior dano possível. Valendo-se de suas amizades, consegue a aprovação de uma ordem para abrir uma rua através da propriedade do avô, obrigando-os a vender o terreno e pagar a hipoteca. Os O'Moyne se vêem forçados à levar sua casa para um terreno do avô, que fica ao lado de um edifício de apartamentos pertencente ao "Dente de Ouro".

Enquanto se desenrolam êstes acontecimentos, Sally sente as primeiras flechadas de Cupido. Certo dia, quando se encontrava com sua companheira de estudos, Lois Foran (Kathleen Hughes), uma encantadora "vamp", tem a inocência de apresentá-la ao ho-

O avô (Edmund Gwenn) é o venerável chefe daquele lar no qual a felicidade é perturbada pela constante perseguição de McCarthy, agora conhecido por «Dente de Ouro», elevado de sua modesta posição a um influente personagem. Para cobrar uma hipoteca que tem sôbre a propriedade dos O'Moyne, consegue que se aprove uma ordem para fazer passar uma rua através da mesma

mem de seus sonhos: Johnny Evans (Palmer Lee). Lois tudo faz para conseguir que Johnny a convide para ir a um baile no Clube de Campo, o que a aflita Sally escuta pacientemente. Chegando em casa, faz novas confidências à Santa, depois do que o rosto de Sally resplandesce de otimismo.

Ela também irá ao baile. Escoltada por um admirador, dirige-se à casa de uma amiga, ex-vizinha, especializada em matéria de embelezamento feminino. Mulher de gôsto esquisito, e desejosa de que Sally [illegible]e, a transforma dos pés a cabeça. Da modesta jovem que [illegible] pintou os lábios, surge uma Sally de extraordinária atr[illegible]rresistível beleza.

Su[illegible]ada na festa deixa boquiabertos todos que a conheciam e não [illegible]a em captar a simpatia geral. E' tão completa a sua transforma[illegible]e interpreta uma dança popular com tal graça, que os pares [illegible]afastam para admirá-la. Mas para Sally não interessa outra pessoa que não seja Johnny, e êste esperava ansiosamente o momento de dizer-lhe que a adorava. Valendo-se de um estratagema consegue seu objetivo. Depois de ouvi-lo, Sally foge depressa para casa.

McCarthy não sossega. Acusa o avô e exige o pagamento dos danos e prejuízos causados por uma árvore dos O'Moyne que caiu em sua propriedade. Está a ponto de conseguir a quebra final de suas vítimas. Mas Danny consegue finalmente sua primeira vitória no ring e o dinheiro necessário para pagar as conseqüências da execrável demanda.



A família muda a casa para um terreno que fica ao lado de um grande edifício pertencente ao «Dente de Ouro». Enquanto isto, na existência de Sally aparece o amor na pessoa de Johnny Evans (Palmer Lee), que uma «vamp» que fôra companheira de estudos de Sally tenta conquistar para si. Depois de constantes invocações a Sant'Ana, Sally vê satisfeitos seus caros desejos

"Dente de Ouro" não está satisfeito e volta com ameaças e prisões. Mas Johnny, perdidamente enamorado por Sally, a qual visita freqüentemente — depois de estudar meticulosamente os planos da casa, descobre que a construção de McCarthy invade parte do terreno dos O'Moyne, o que deixa o vilão pràticamente à mercê de suas vítimas.

McCarthy muda completamente sua atitude e os O'Moyne esquecem tudo quando êle promete acompanhá-los à igreja no dia do casamento de Sally e Johnny.



Os O'Moyne são condenados. Mas Johnny descobre que a construção do «Dente de Ouro» invade o terreno de seus perseguidos. Por outro lado, o irmão de Sally, que é boxeador, ganha uma luta com um valioso prêmio, o que enche Sally e Johnny de extraordinária alegria e faz o simpático avô sorrir beatíficamente. Quando McCarthy promete acompanhá-la à igreja, todos perdoam a antiga perseguição

UM HERÓI MÁSCULO, IMPACIENTE

O GRANDE TALEN

CHARLT

NÃO LHE PERMITE U
FILMES E UMA CARRI
DE SHAKESPEARE E L
MEIRO ATOR DA TV A V
ESPÔSA QUER SER A
"BRIGANDO" DURANT
SEU NOV



Com Susan Hayward em «The President's Lady», o seu sexto e mais importante filme



Ainda que pareça estranho, Charlton Heston foi escolhido por Hollywood como herói dos filmes devido ao seu excelente trabalho como vilão na TV. Êle foi, assim, o primeiro "astro" cinematográfico "descoberto" no video. O produtor Hal Wallis, da Paramount, que o viu trabalhando em New York, contratou-o imediatamente e entregou-lhe o principal papel de "Cidade Negra", com Lizabeth Scott. Corroborada pelo público, a crítica se encarregou de consagrá-lo como um novo tipo de galã, que combinava a rude masculinidade de Clark Gable com a suavidade romântica, o talento e a simpatia de Gregory Peck. E Charlton Heston revolucionou o mundo cinematografico sem que fôsse preciso campanha alguma de publicidade. Muito antes que as revistas especializadas publicassem qualquer história sôbre Heston (seu primeiro filme foi lançado sem alarde algum) já os "fãs" escreviam à Paramount pedindo fotografias do novo "astro". Cecil B. De Mille pediu-o emprestado a Wallis para ser o gerente do circo em "O Maior Espetáculo Sôbre a Terra". Foi o que situou definitivamente Heston como uma das mais fulgurantes personalidades da constelação hollywoodiana. Depois disso, fêz êle mais dois filmes na Paramount — "The Savage", com Susan Morrow e "Pony Express", com Rhonda Fleming — e, logo em seguida, foi emprestado à Fox para ser o galã de Jennifer Jones em "Ruby Gentry". No momento, Charlton ainda se encontra na 20th. Century-Fox filmando o que será a maior criação da sua curta mas vitoriosa carreira: "The President's Lady", com Susan Hayward. Nesta película — extraída de um grande "best-seller" de 1952 — Heston interpreta o papel de "Andrew Jackson", um dos mais honestos políticos da História Americana e Susan personifica "Rachel", sua espôsa e inspiradora, que morreu no dia em que êle foi eleito Presidente dos Estados Unidos. Êste papel — disputado pelos maiores atores americanos — prova o prestígio de Charlton Heston perante um estúdio da magnitude da Fox que, apesar de contar com inúmeros nomes de fama, foi buscar êste novato na Paramount para arcar com a responsabilidade de herói de uma das suas super-produções. Mas o simpático ator tem correspondido a essa confiança desdobrando-se no trabalho. Na manhã em que visitamos o "set" de "The President's Lady", lá estava Charlton filmando uma dificil cena de luta, para a qual êle recusou, terminantemente, qualquer "double". A briga era provocada por comentários maliciosos sôbre "Rachel Jackson", tecidos por três cavalheiros empertigados. Ouvindo cochichos, "Andrew" (Heston) vinha tirar satisfações com os mesmos e acabava atracando-se com um dos mexeriqueiros numa furiosa luta que derrubava mesas, cadeiras, lampeões, etc. Devido à amplitude da mesma, o "cameraman" teria que a apanhar dos mais diversos ângulos e, para isso, Heston teria que repetir a cena dezenas de vêzes. Ao meio-dia, o "astro" saiu para almoçar conosco no restaurante do estúdio e, quando voltamos — uma hora depois — retornou êle à frente das câmaras, continuando a luta, cuja filmagem soubemos ter durado até o dia seguinte! A despeito de tudo isso, porém, Charlton Heston está satisfeitíssimo de trabalhar no cinema.

— Sempre fui inimigo da inatividade, — declara o "astro" à repórter de "A CENA" — e aprendi que Hollywood é o lugar mais dinâmico do mundo! Nos anos em que atuei no palco e na televisão minhas atividades eram limitadas apenas ao local em que trabalhava. Mas não em Hollywood: o ator cinematográfico possui inúmeras responsabilidades mesmo após as horas de labor diário nos estúdios. Há as entrevistas, questionários e fotografias para as revistas e jornais; há os programas radiofônicos que se seguem aos filmes; há as aparições

(Cont. na pág. 34)

Quase dois metros de altura, Charlton Heston tem que dobrar suas enormes pernas para posar ao lado da correspondente de «A CENA», que o foi entrevistar na 20th. Century Fox, onde êle está fazendo o papel de Presidente Andrew Jackson

SIMPÁTICO... e

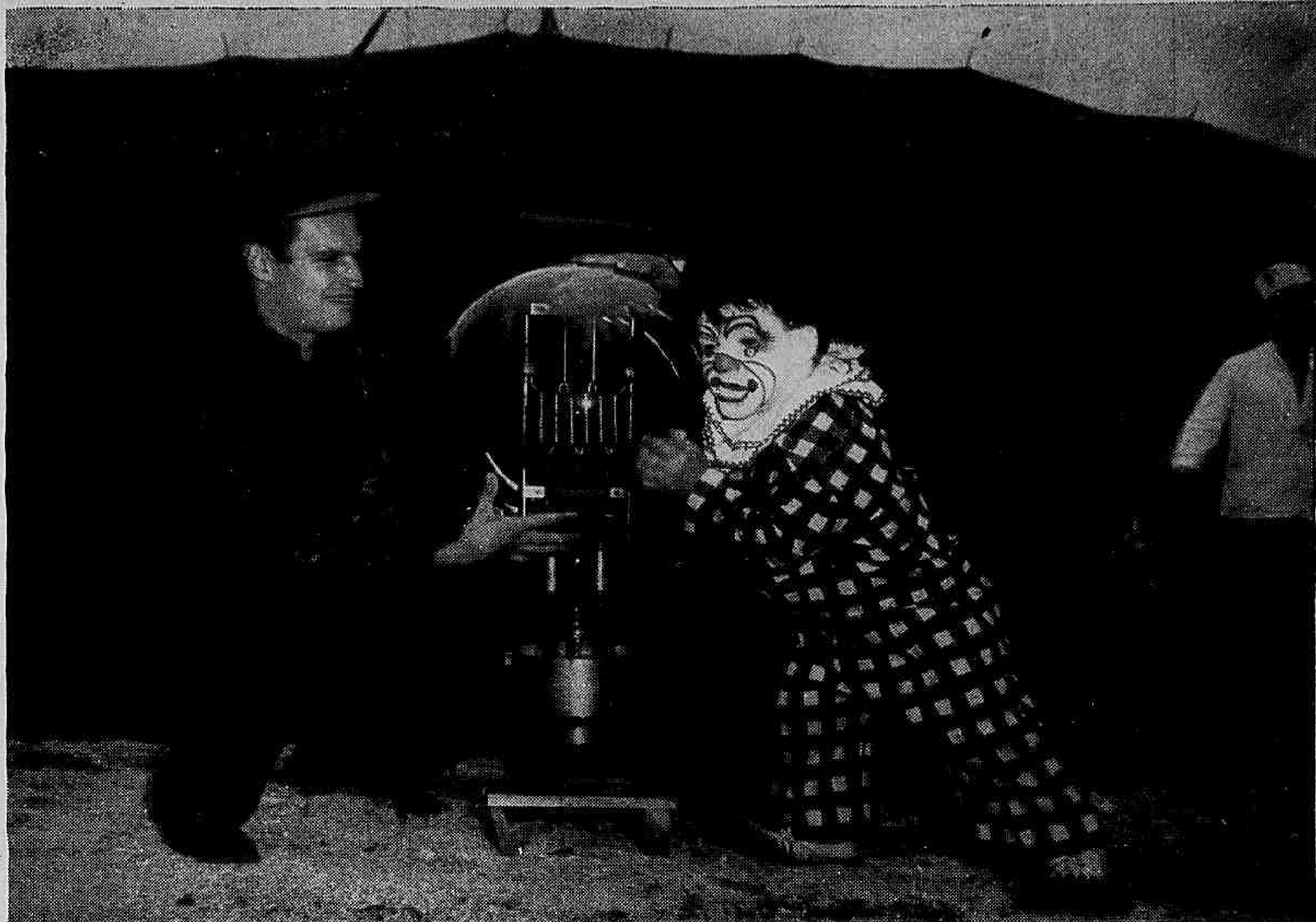
O DE

N HESTON

Á INTERPRETAÇÃO — SEIS
A VITORIOSA — ADMIRADOR
LAURENCE OLIVIER — O PRI-
R PARA HOLLYWOOD — SUA
Z, MAS NÃO "ESTRÊLA"! —
OIS DIAS PARA UMA CENA DE
FILME NA FOX

rtagem de DULCE DAMASCENO DE BRITO
orrespondente de «A CENA» em Hollywood)





De Mille exigiu-o para ser o gerente do circo em «O Maior Espetáculo Sôbre a Terra»



→

Seu verdadeiro nome é Charlton Heston, o que deu muita complicação nos seus tempos de colégio, quando os colegas o apelidavam de «Charlotte» (Carlota)... Hoje, os amigos íntimos chamam-no de «Chuck», enquanto que, para sua espôsa, êle atende à carinhosa fusão Cheston

O primeiro papel de Charlton no cinema foi o do rude e romântico galã de Lizabeth Scott em «Cidade Negra». Aqui, êles ensaiavam uma cena de amor





Cine-Crítica do LEITOR

OS AMÔRES DE CAROLINA

ALÔ AMIGOS, advertência.

Nesta CONFISSÃO é revelada a VIDA INTIMA DE UMA MULHER NASCIDA ONTEM que, pelos CAPRICHOS DO DESTINO, amou APAIXONADAMENTE FERAS QUE FORAM HOMENS, que tinham CONSCIÊNCIAS MORTAS e que, DE PECADO EM PECADO, tornou-se UMA MULHER ORIGINAL, A MULHER FALADA por todos.

★

Senti SAUDADES DO PASSADO e entre LÁGRIMAS E SORRISOS abri meu ALBUM DE RECORDAÇÕES. O TEMPO NÃO APAGA e O PONTEIRO DA SAUDADE ainda marca HORAS ROUBADAS, HORAS INTERMINÁVEIS. Sei que A VERDADE NÃO SE DIZ, mas COMO E' TRISTE RECORDAR MINHA VIDA E MEUS AMÔRES, meus ALEGRES VINTE ANOS. E OS ANOS PASSARAM, E A VIDA CONTINUA porque VIVE-SE UMA SÓ VEZ. Quantos SONHOS DISSIPADOS NA NOITE DO PASSADO, naquelas CARTAS DE AMOR. SE EU FÔSSE FELIZ diria ADEUS MOCIDADE, mas O TEMPO E' UMA ILUSÃO e O AMANHÃ E' ETERNO. Entre as RECORDAÇÕES DE ONTEM revejo OS HOMENS DE MINHA VIDA. E' UM PRAZER ser ESCRAVA DE UMA LEMBRANÇA quando o RESGATE DE UMA CONSCIÊNCIA é o SEGRÊDO DE UMA MULHER como eu. AQUI COMEÇA A VIDA, e O QUE A VIDA ME NEGOU, NEM O CÉU PERDOA. Hoje QUERO SER FELIZ, pois TRISTEZAS NÃO PAGAM DÍVIDAS e NÃO ADIANTA CHORAR, SÓ RESTA UMA LÁGRIMA, SÓ RESTA A LEMBRANÇA dêsses CONFLITOS DE AMOR, dêsse PECADO SEM MÁCULA. QUE MUNDO MARAVILHOSO NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS, ESQUECER NUNCA, AQUILO SIM ERA VIDA. Dei UM PASSO EM FALSO mas QUE DEUS ME PERDOE, pois SEM AJUDA DO CÉU eu num ATO DE VIOLÊNCIA teria dado UM PASSO ALÉM DA VIDA. MATAR OU MORRER, eis O DILEMA DE UMA CONSCIÊNCIA, pois DE AMOR TAMBÉM SE MORRE e POR AMOR TAMBÉM SE MATA. A REVOLTA DE UM CORAÇÃO tem O DIREITO DE MATAR e AMANHÃ SERÁ TARDE DEMAIS para um RESGATE DE HONRA. Tudo ACONTECEU NUMA TARDE CHUVOSA quando CANTANDO NA CHUVA conheci CYRANO DE BERGERAC, meu PRIMEIRO AMOR. Era O PRÍNCIPE ENCANTADO, mas O CARADURA tinha ALMA SEM PUDOR e SANGUE DE PANTERA. Era um GIGOLÔ E GIGOLETTE fui eu NAS GARRAS DO DESTINO, pois DO AMOR SÓ O DINHEIRO êle queria. Que INGRATIDÃO, destruiu O IDEAL DE UMA VIDA em plena PRIMAVERA, no ROSEIRAL DA VIDA abrindo CHAGAS DE FOGO em meu POBRE CORAÇÃO cheio de INOCÊNCIA e PUREZA. Foi UM GOLPE DO DESTINO, UM GOLPE AO CORAÇÃO, QUE PAPAI NÃO SAIBA que fui LUDIBRIADA em NOSSA CIDADE. Depois dêste CHOQUE, dêste GOLPE DE MISERICÓRDIA, fiquei tão ATORMENTADA sem poder VIVER EM PAZ que abandonei LOUISIANA e tomei o EXPRESSO PARA PEQUIM. Era uma ESTRANHA PASSAGEIRA entre ANJOS E PIRATAS, no TREM DO DIABO mas GRAÇAS A MINHA BOA ESTRÊLA, ESTRÊLA DO DESTINO, viajei com TOKYO JOE, UMA VELHA AMIZADE de HONG KONG e POR CAUSA DÊLE não caí NAS GARRAS DA FATALIDADE. Em XANGAI achei a CIDDE SEM HOMENS, ATÉ O CÉU TEM LIMITES, mas DEZ PEQUENAS PARA UM HOMEM é demais. Devido minhas PERNAS PROVOCANTES e minhas CURVAS PERIGOSAS fui o MODÊLO 19, um dos MODELOS de CARAVAGGIO, O PINTOR MALDITO, O PINTOR DE ALMAS do BAIRRO JAPONÊS. O MILAGRE DO QUADRO que posei A NINFA NUA causou tremendo ESCÂNDALO NA RIVIERA que recebi O CONVITE para atuar NO TEATRO DA VIDA EM QUALQUER PARTE DA EUROPA. Conheci UM EXPEDICIONÁRIO EM PARIS, QUASE NO CÉU, foi meu INIMIGO X mas como DO ÓDIO NASCE O AMOR e o AMOR é MAIOR QUE O ÓDIO ficamos APAIXONADOS mas QUANDO OS DESTINOS SE CRUZAM ou DUAS VIDAS SE ENCONTRAM por acaso A GLÓRIA DE AMAR é uma ILUSÃO PERDIDA, é TARDE DEMAIS. UM DIA NA VIDA, conheci LAURATIA, UMA ESTRANHA MULHER. Uma MULHER SUBLIME com a ALMA EM SUPLÍCIO, VICIADA em COCAÍNA. Era uma PAIXÃO IMPOSSÍVEL num PARAÍSO PROIBIDO, MAIS FORTE QUE O AMOR. Na IMITAÇÃO DA VIDA DE MULHER PARA MULHER descobri que A CARNE E A ALMA formam OS MISTÉRIOS DA VIDA. SE ISTO E' PECADO, êste CONFLITO SENTIMENTAL ficará nos CORAÇÕES HUMANOS ONDE AS PALAVRAS MORREM sem PRECONCEITO glorificando OS QUE NÃO DEVEM NASCER. Conheci MONSIEUR VERDOUX, SUZANA E O PRESIDENTE, pois QUANDO A MULHER SE ATREVE para viver UM SONHO PARA DOIS A VIDA E' UM JÔGO e A VIDA ASSIM E' MELHOR. UMA NOITE NA ÓPERA, atuando com O GRANDE CARUSO senti PAVOR NOS BASTIDORES recebendo o TELEFONEMA DE UM ESTRANHO. NOITE APÓS NOITE recebi ROSAS TRÁGICAS até O DIA EM QUE A TERRA PAROU e O ESTRANHO revelou-se. Era O CONDE DE MONTE CRISTO e com NÚPCIAS REAIS numa FESTA BRAVA NA NOITE DE 23 DE MAIO tornei-me A CONDÊSSA DE MONTE CRISTO. Logo soube A INCONVENIÊNCIA DE SER ESPÔSA, SER OU NÃO SER ADÚLTERA. Vivia NADANDO EM DINHEIRO, CHUTANDO MILHÕES mas como DINHEIRO NÃO DÁ FELICIDADE, deixei O CONDE EM SINUCA, NO MATO SEM CACHORRO e fui VOANDO PARA O RIO. Tirando meu PASSAPORTE PARA O RIO conheci O BRASILEIRO JOÃO DE SOUZA, UM HOMEM IRRESISTÍVEL. UMA NOITE NO RIO, encontrei-o em COPACABANA. Dançamos o TICO-TICO NO FUBÁ e nasceu um ROMANCE CARIOCA na CIDADE ENCANTADA. SONHANDO DE OLHOS ABERTOS, tive um PESADELO, uma TERRÍVEL SUSPEITA, vi NO SILÊNCIO DA NOITE, meu AMOR PAGÃO NO QUARTO ESCURO com MINHA SECRETÁRIA BRASILEIRA, minha RIVAL SUBLIME. Senti RANCOR, CIÚMES, pois CIÚME NÃO E' PECADO e numa TRÁGICA DECISÃO abandonei o BRASIL, porque DUAS MULHERES E' DEMAIS. A PRESENÇA DE ANITA foi uma VINGANÇA DO DESTINO, foi um INVERNO D'ALMA e QUANDO MORRE UMA ILUSÃO vive-se COM AS HORAS CONTADAS qualquer AGONIA DE AMOR. AQUELA MULHER INGRATA, AMIGA DA ONÇA, QUE O CÉU A CONDENE por esta TRAIÇÃO infame. Minha VINGANÇA foi um TRIUNFO SÔBRE A DOR, foi uma VITÓRIA AMARGA, apareceu JOÃO GANGORRA, O CAÇULA DO BARULHO, foi DUAS VÊZES MEU mas tinha o PECADO DE AMAR tôdas as MULHERES e tinha MANIA DE ANTIGUIDADES. Com SIMÃO, O CAOLHO, tomei o AVIÃO DO ORIENTE, e flertei com LUCIANO SERRA PILÔTO. Fui para BAGDAD, e lá fomos PERSEGUIDOS por ALI-BABÁ E OS 40 LADRÕES. Era um MERCADO DE LADRÕES aquela CIDADE NEGRA. Éramos DOIS CONTRA UMA CIDADE INTEIRA, mas tornei-me O ÍDOLO DOURADO, O ÍDOLO DO PÚBLICO, ESCRAVA DA COBIÇA CRIADA PARA AMAR e ser AMADA POR TRÊS mil HOMENS VERDADEIROS. Se MINHA POBRE MÃE QUERIDA soubesse como DÉBIL E' A CARNE e que NEM TUDO QUE RELUZ E' OURO ela diria: MINHA FILHA, VENDE CARO O TEU AMOR, O INFERNO NÃO TEM PREÇO. Lá AMOR VAI, AMOR VEM apareceu IVAN O TERRÍVEL LADRÃO DE BAGADAD. Fomos para MARROCOS, num PÔSTO AVANÇADO EM MARROCOS viver no BECO DAS ALMAS PERDIDAS. SOB O CÉU DE MARROCOS vivi NA SOLIDÃO DO INFERNO entre MULHERES PERDIDAS, tendo UMA AVENTURA POR DIA. Fui a SEDUÇÃO DE MARROCOS e depois de DUAS SEMANAS DE PRAZER tomei o TRANSATLÂNTICO DE LUXO. Houve BARULHO A BORDO e AVISO AOS NAVEGANTES quando SINDBAD, O MARUJO me viu. De cara O MARUJO FOI NA ONDA. Eu estava PRA LÁ DE BOA, BONITA COMO NUNCA, COM O DIABO NO CORPO e SEM PIEDADE deixei-o NO FRENESI DO DESEJO COM OS BRAÇOS ABERTOS PISANDO EM BRASA. Foi um ROMANCE EM ALTO-MAR, porque NINGUÉM VIVE SEM AMOR e afinal DO MUNDO NADA SE LEVA. Desembarquei em TRÍPOLI e conheci o INTRÉPIDO GENERAL CUSTER. Numa NOITE DE DEZEMBRO, NOITE DE SÁBADO,

(Cont. na pág. 34)

o fã pergunta: "A CENA" responde

Maria Teresa de Araújo (Rio) — «... sou uma ardorosa fã de Marlene e sendo assim...»

R — Marlene mereceu, em nosso número 2, de 9-1-53, a publicação de uma longa reportagem sôbre suas atividades artísticas, como também uma bela capa em sugestiva pose.

José Ferreira Santa Rita (Belford Roxo, E. do Rio) — «... quero saber quais são os artistas do filme «A Terra dos Homens Maus».

R — Randolph Scott, Ann Richards, George Hayes, Ray Collins, James Warren, Morgan Connway, Virginia Sale, John Halloran, Andrew Tombes, Richard Hale, Lawrence Tierney, Tom Tyler, Steve Brodie, Nestor Paiva e Isabel Jewell. E' uma produção da R.K.O. Pictures. Prosseguiremos, em números posteriores, aos demais filmes de sua relação.

Rubens de Almeida (Santos) — «... velho leitor dessa revista, ao folhear o exemplar n. 3, de 14-1-53...»

R. — Aqui vai a corrigenda para a pergunta do leitor Sami Ramadan: o primeiro filme em tecnicolor foi «Valdade e Beleza» (Becky Sharp), de Mamoulian, feito em 1935. «Amor e Ódio na Floresta», de Hathaway, foi realizado em 1936. Gratos, sr. Almeida!

Eva Dalas (São Mamede) — «... qual o enderêço de Antônio Badu? E' casado ou solteiro?»

R — Na falta do enderêço exato dêsse artista mexicano, escreva-lhe aos cuidados dos Estúdios Churubusco, Rio de Churubusco, México, D. F. Ignoramos o seu estado civil.

Dario Ribeiro (S. Paulo) — «... quando morreu Elissa Landi?»

R — Em outubro de 1948, nos Estados Unidos. Era considerada uma das mulheres mais cultas do cinema e seus últimos anos de vida foram dedicados à literatura, publicando romances, contos e novelas.

Paulo Barreto (Rio) — «... qual o elenco do filme ítalo-brasileiro «O Guarani»?»

R — Antônio Vilar (Carlos Gomes), Mariella Lotti (Lindinha), Giana Maria Canale (Henriqueta), Maria da Glória (Ambrosina), Luigi Pavese (o pai de Carlos Gomes), Anita Vargas (a mãe) e Dante Maggio (Rossi). Não sabemos quando êsse filme será apresentado aqui no Rio. A demora parece prender-se ao fato de quererem os exibidores que êle obtenha as mesmas prerrogativas de um produto nacional.

Ieda Sales (Natal) — «... qual o título original, o diretor e o elenco de «Ruas das Almas Perdidas»?

R — «They won't believe me», 1947, de Irving Pitchell, com Susan Hayward, Robert Young, Jane Greer e Rita Johnson.

Jorge Taveira Gama (Curitiba) — «... gostaria de saber dados biográficos de Fada Santoro».

R — Nome verdadeiro: Mafalda Basílio Monteiro dos Santos Mandarim Santoro. Nasceu no Méier, Rio de Janeiro, no dia 29 de agôsto de 1926. E' filha de pai italiano e mãe brasileira, mede um metro e sessenta e dois centímetros, morena côr de jambo e com olhos e cabelos negros. Estudou dança com Eros Volúsia e já foi «lady-crooner» do Cassino da Urca. Também já trabalhou em teatro, na companhia de Alda Garrido. Começou no cinema fazendo pontinhas em filmes como «Romance Proibido» e «Berlim na Batucada». Sua estréia como figura de primeiro plano se deu em «A Escrava Isaura». Daí por diante se firmou definitivamente em filmes como «O Pecado de Nina», «Tocaia», «Milagre de Amor», «Barnabé, tu és meu», «Areias Ardentes» e «Fôrça do Amor». Brevemente, será vista em «Agulha no Palheiro», do diretor Alex Viany.

Rolando Peres (Rio) — «... Ann Blyth é casada ou solteira?»

R — Foi noticiado há pouco o seu noivado com o Dr. James MacNulty, irmão do cantor Dennis Day.

Jorge Meira (São Paulo) — «... nos Estados Unidos os astros de cinema se metem em política?»

R — Uma grande parte. Aliás, isso é um direito que lhe assiste. Irenne Dunne tomou parte ativamente nas últimas eleições daquele país, em prol da campanha de Eisenhower. Chegou mesmo a fazer discursos em praça pública.

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer
Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR dos CABELOS

Rádio Cena





Pelas mãos da ex-rainha, Emilinha Borba é introduzida no grande salão do João Caetano, onde, no palco, seria procedida a coroação. Afastados, vemos Bill Farr e o corpo de segurança



"GOD SAVE THE QUEEN"

O Rádio paga uma dívida a Emilinha

MUITO ESFÔRÇO E MUITO MERECIMENTO — NA CRUZEIRO DO SUL A INICIAÇÃO DA SOBERANA — A RAINHA QUE O RÁDIO RECLAMAVA — ALEGRIA E CANTO EM TROCA DE VOTOS — O QUE FOI A LUTA PARA A CONQUISTA DA COROA

Reportagem de OTTON CORRÊA
Fotos de ALEXANDRE MIRANDA e ALBERTO FERREIRA

Desde que foi anunciado o início do pleito para escolha da nova soberana radiofônica e, conseqüentemente, lançada a candidatura de Emilinha Borba, todos já sabiam que ela seria eleita pelo público radiofônico brasileiro. Não foi contrariada a vontade do povo. Depois de um acirrado pleito, depois de tantas surprêsas, Emilinha superou a tôdas as candidatas com uma votação que triplicava os votos das outras concorrentes.

★

Não pensem, entretanto, que a vitória consagradora de Emilinha foi conquistada sem nenhum esfôrço. A mana de Nena Robledo fêz jus à coroa pelo trabalho bonito que realizou. Cantava para o povo e passava seus votos; ao tempo que tratava de sua votação, cantava alegria e divertimento para o povo. Seus colegas da Rádio Nacional foram gigantes na luta pela sua eleição. Animadores, radioatores, contra-regras, locutores, cantores, terçaram tôdas as armas disponíveis para que a «Favorita» pudesse enfrentar sem mêdo as demais candidatas. Merecida, não temos dúvida, a vitória estupenda da criadora de «Dez anos». Há anos que o rádio in-

Emilinha e sua genitora num «flash» que tem muita significação para a soberana do sem fio nacional



Enquanto Mary Gonçalves atende a um amigo, Emilinha acena para um fã que lhe envia beijos do salão



A ex-soberana Mary Gonçalves abraça, alegremente, a nova regente dos radialistas

dígena exigia Emilinha Borba como sua soberana oficial. Enfim, o desejo de milhões de radiouvintes foi realizado. Temos uma rainha verdadeiramente do povo, eleita pelo voto do povo e que reinará com seus súditos, os sintonizadores de todo o território nacional.

★

Emília Savana Borba, êsse o verdadeiro nome da soberana, é carioca de quatro costados e começou sua carreira radiofônica ainda muito moça. Emilinha era um «brôto» e os radioescutas já se deliciavam com sua voz melodiosa e agradabilíssima através das ondas da Cruzeiro do Sul. Sua irmã Nena Robledo, hoje consorciada com o compositor Peterpan, arranjou uma oportunidade para sua maninha e as duas foram ganhando os aplausos dos sintonizadores da veterana PRD-2.

★

Os anos foram correndo velozmente. De ano para ano, a rainha ia melhorando seu jeito de interpretar as melodias que os compositores não se cansavam



Após a coroação, por sinal muito acidentada, a Rainha retoca seu penteado para ficar mais bela e continuar a receber seus súditos



Mary e Emilinha passaram a noite juntas. Não se desligaram um só momento. Na foto, elas atendem aos gulosos locutores que estavam fazendo a cobertura



Eis as simpáticas princesas do rádio brasileiro: Ângela Maria, Rogéria, Marly Sorel e as representantes dos Estados

de lhe entregar. Os contratos surgiram aos montes. Rádios, «boites», cassinos, todos desejavam conhecer e ouvir a voz daquela moreníssima brasileira. A Continental, conceituada gravadora de nossa terra, notando o sucesso e o agrado que representavam as audições de Emilinha, resolveu levá-la para seu «cast», com um contrato bem invejável. Não se enganou o mentor que a contratou, pois as gravações da criadora de «Chiquita Bacana» são sempre procuradas nas lojas especializadas.

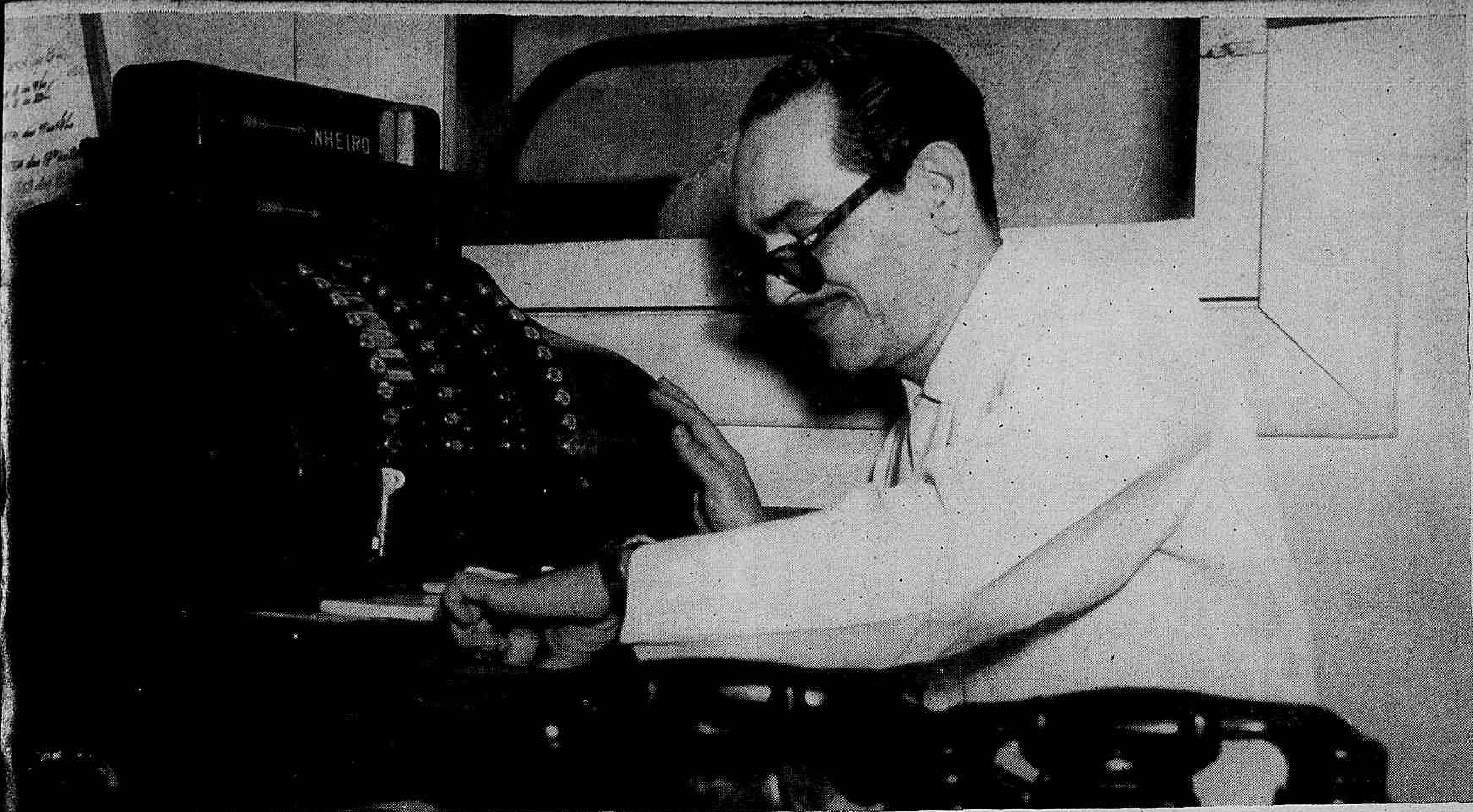
A essa altura o nome de Emilinha Borba já tinha se tornado internacional e as propostas do exterior estouravam, diàriamente, em sua residência.

☆

Um pouco depois aconteceu a sua contratação pela Nacional. Sabedores das boas criações de Emilinha, os mentores da PRE-8 não titubearam em convidar-lhe para integrar seu «team» musical. Começaram a lançá-la em tôdas as grandes audições montadas e nos programas de auditório. Ela não os decepcionou. Cantou até mais do que cantava. Sua presença, então, era reclamada em tudo que fôsse programa fadado a obter sucesso. Emilinha representava êxito para qualquer audição da emissora da Praça Mauá. Em vista
(Cont. na pág. 34)



Floriano Faissal não quis furtar-se a um gostoso bate-papo com a soberana. Atrás dos dois, meio solitária, está Ismênia dos Santos



Avarante ao extremo, o «Primo Rico» não se cansa de «visitar» a registradora para ver se o dinheiro está crescendo

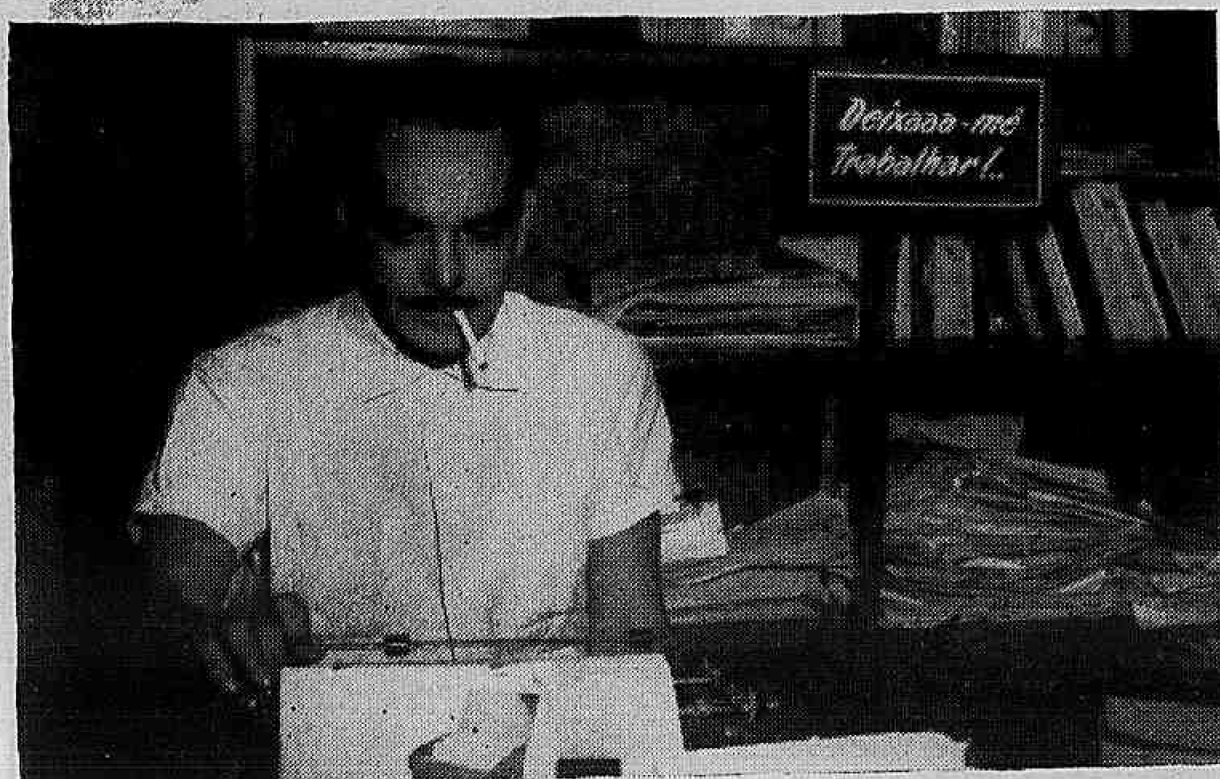
PAULO GRACINDO

A QUEIXA DO "PRIMO RICO"

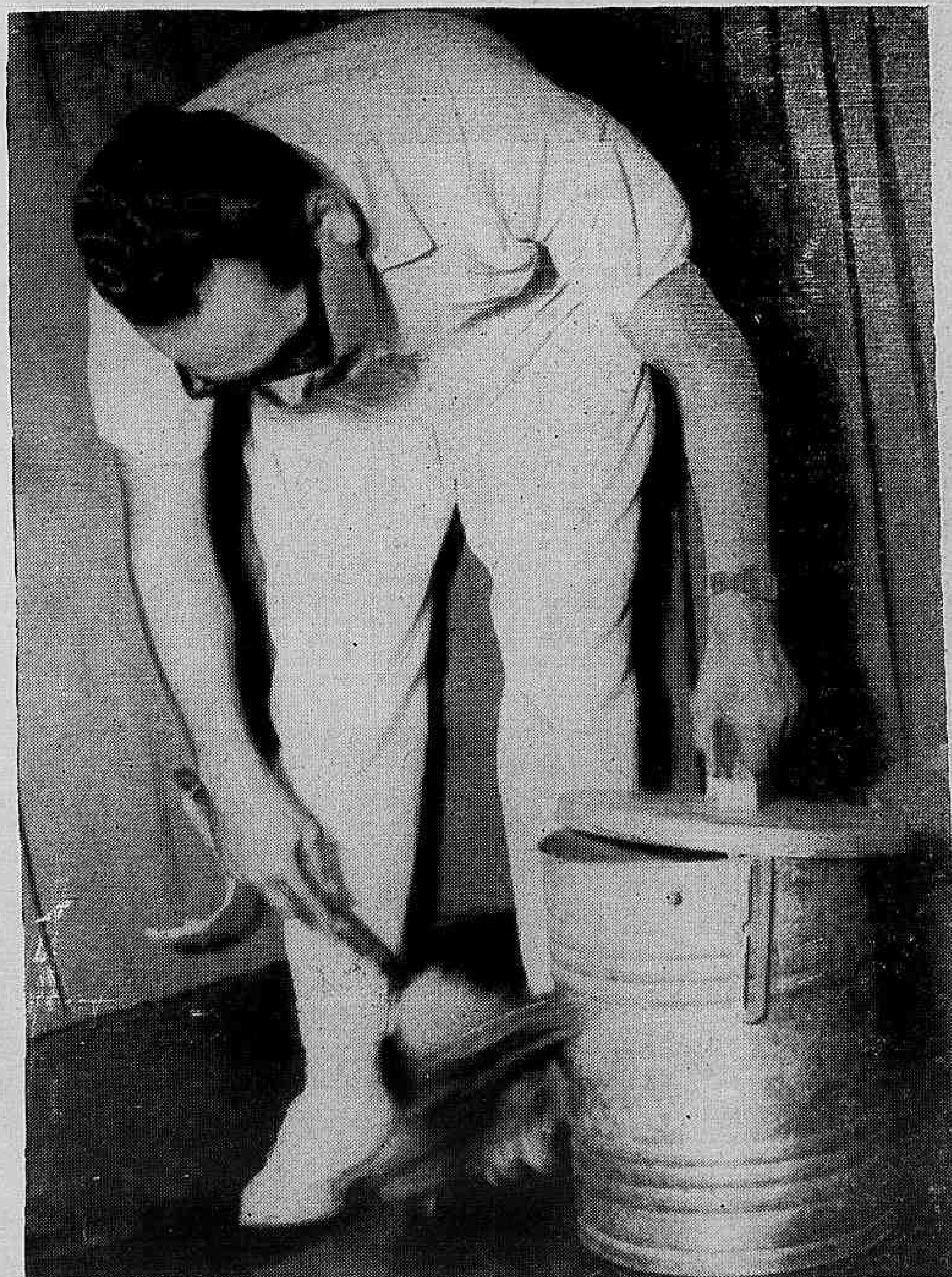
UMA "ESTRÊLA DA MANHÃ" OFUSCOU MEU "LAMPEÃO"

A CIÊNCIA ROUBA O RÁDIO — A HISTÓRIA DOS "PRIMOS" — QUEM FALOU EM POLÍTICA? — CINEMA SÓ COM MUITO CONFÔRTO — "LAMPEÃO", UM GRILHO ETERNO

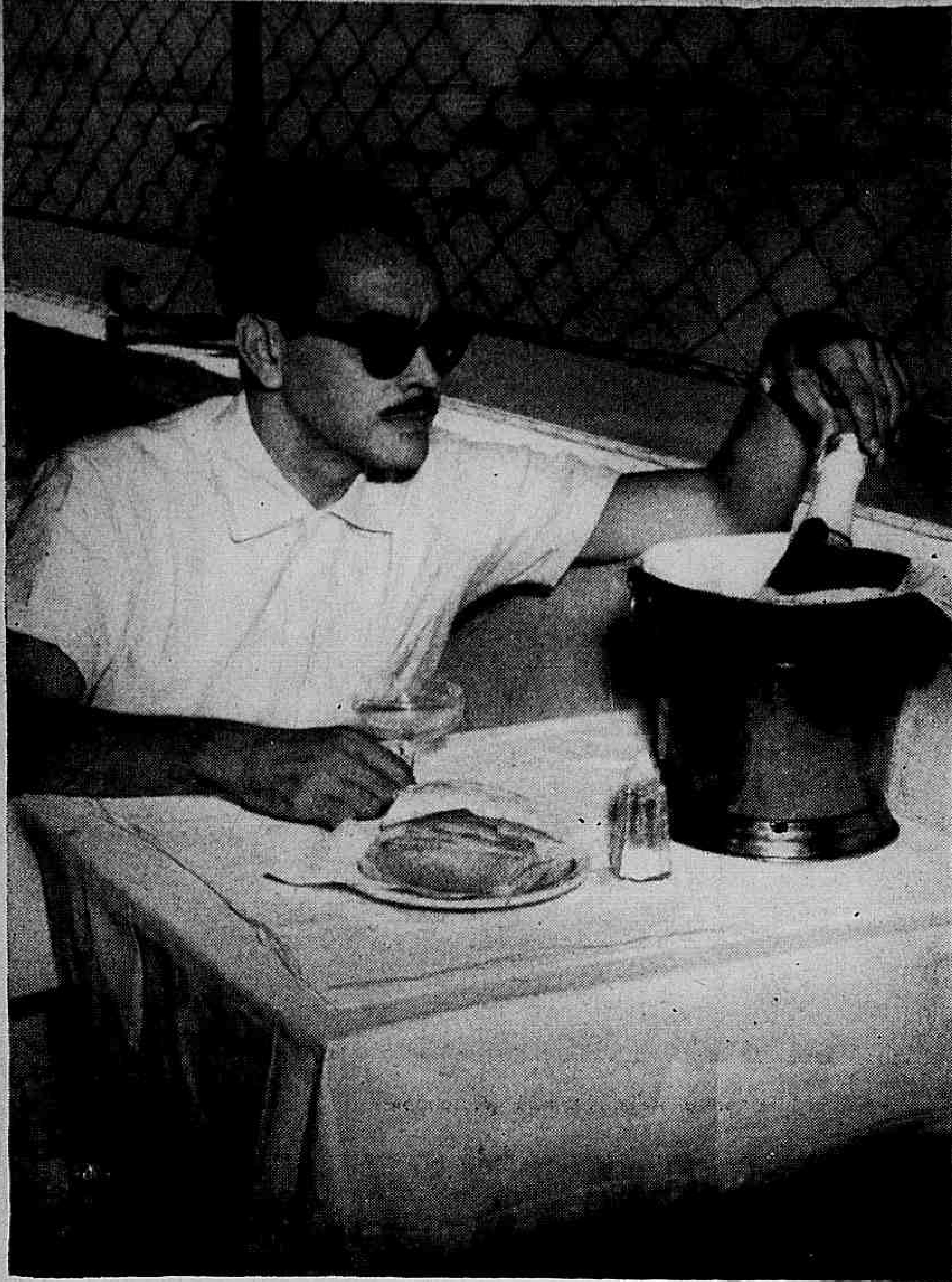
Reportagem de O. SALLES
Fotos de ALEXANDRE MIRANDA



Juntamente com o Max Nunes êle sempre queimou as pestanas para conceber o «Balança». Agora vai ficar sòzinho e, pelo jeito, vai queimar até a invejável cabeleira...



Sua dedicação ao «Primo Pobre» é de causar inveja... Ei-lo, asseiado como sempre, fazendo a higiene da marmita do desafortunado primo... Que desvêlo... Isso é que é ser família...



Até na hora do «iunch» o «Primo Rico» sorve umas tacinhas de champagne...



Ainda que pareça incrível, todos os ensaios de programas humorísticos são realizados, como vemos na foto, com muita seriedade. Juntamente com Gracindo, vemos Germano, Eurico Silva, o ensaiador, Ema Dávila, Roberto Faissal, Welington Botelho, André Villon, e, de costas, Jairo Argileu e Henriqueta Brieba

— Gracindo, me arranja uns rolos de serpentina para enfeitar o estúdio de rádio-teatro...

— Pra que, rapaz?

— Ora, Paulo, amanhã é carnaval... que é que tem?

— Vá lá que seja, tira aí no armário.

E Jorge Bico, o mais conhecido contra-regra da Nacional saiu todo contente, do escritòriozinho de Paulo Gracindo. Nessa altura, a serviço da CENA, entramos em cena. O Pelópidas nos recebeu solícito como sempre e nos ofereceu uma cadeira sem estôfo. Estávamos um tanto estafados (entenderam?) e não nos fizemos de rogados. Palavra puxa palavra, ficamos inteiramente à vontade, parecíamos até da família nacionalista. Começamos o trabalho. Inquirimos o PG se êle gostaria de continuar no cinema, após o término do *role* "Balança mas não cai". Gracindo não titubeou:

— Claro que sim, mas numa emprêsa perfeitamente organizada no estilo da Vera Cruz ou mesmo da Atlântida. Enquanto aqui na Rádio Nacional eu trabalho com todo o confôrto, no cinema vivo apavorado, fazendo cenas em casas de palha intituladas de estúdio. Não se pode nem respirar durante a filmagem do "Balança". Aliás, gostaria de continuar, pois só assim aumentaria a possibilidade de realizar meu maior scnho na sétima arte, que é o de caracterizar a figura de "Lampeão". Digo mais a vocês: o insucesso de "Estrêla da manhã" é que me afugentou do cinema. Se o mesmo tivesse sido coroado de êxito, eu não tenho dúvida que já teria levado a efeito meu maior anseio tanto até que já tinha começado a raspar o cabelo... mas a estrêla da manhã não brilhou e desiludiu-me quase que por completo.

Enquanto preparava um novo "script" do "Balança", Paulo Gracindo nos contou a história da saída de Max Nunes da PRE-8. O mais famoso escritor humorístico do rádio brasileiro não saiu da Nacional, como todos pensam, devido à questão monetária. Max voou para a Taba pelo motivo de lhe oferecerem bases propícias para a continuação de seus estudos sôbre o câncer. Na E-8 sua atividade era insana e não lhe sobrava tempo algum para se dedicar à difícil profissão de esculápio. A proposta da G-3, podemos dizer, matou o humorista e nos deu um grande cancerologista. Perdeu o rádio, em parte, mas ganhou a ciência um todo que nos será muito útil.

Paulo Gracindo não é muito farrista, pelo que deduzimos, mas sabemos que perto do tríduo momesco, as pessoas perdem um pouquinho da seriedade e ficam sassariquejantes. Paulo, entretanto, não deu tratos à folia, pois nossa palestra, travada na ante-véspera do carnaval, foi uma das mais saborosas que já tivemos até hoje. Não vamos dizer, também, que foi um bate-papo anti-carnavalesco, isso não...

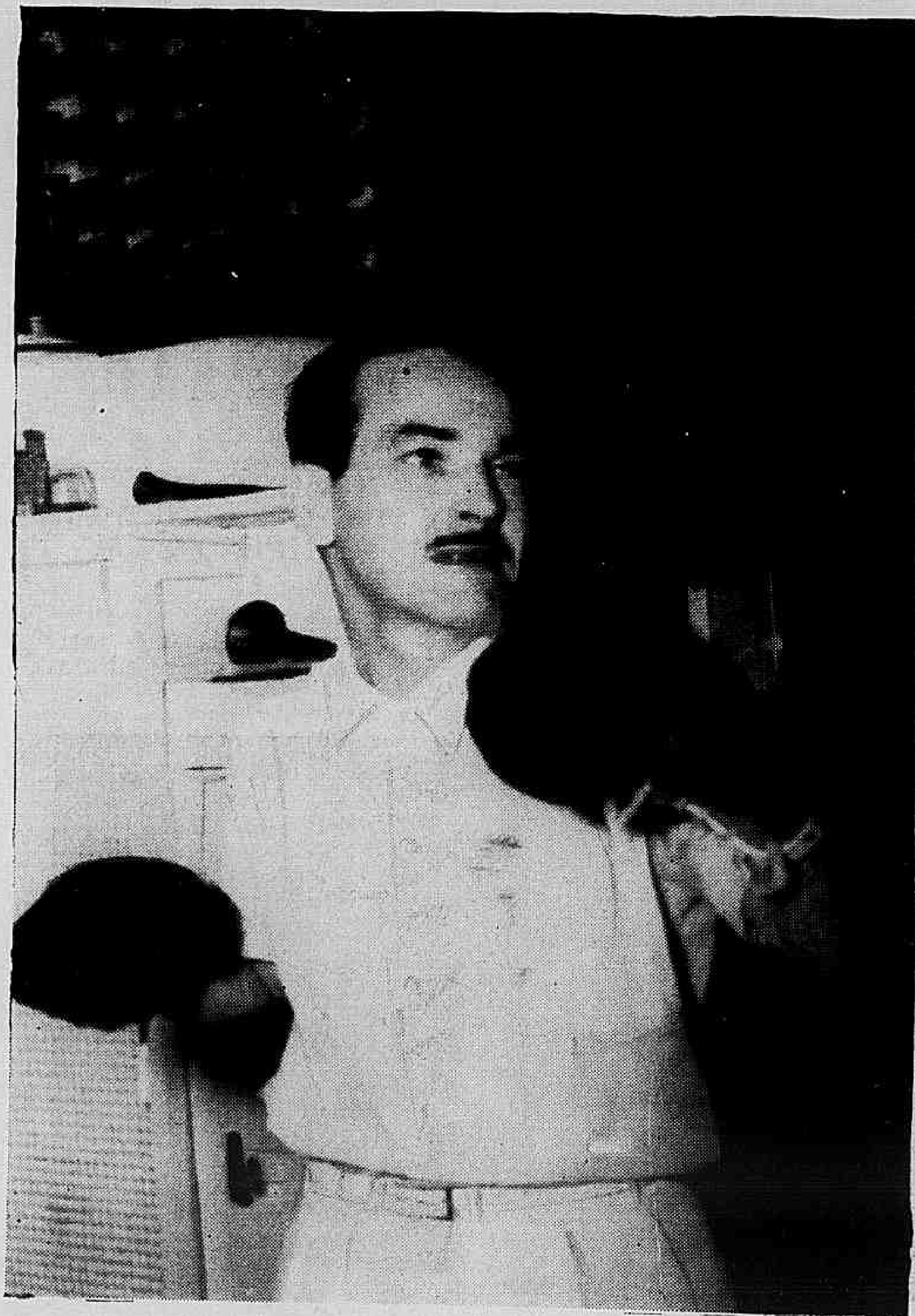
★

Muita conversa em apenas meia-hora. Cinema, isso, aquilo e aquilo outro e... política... Pisamos no scalos de Paulo.

(Cont. na pág. 30)



Paulo Gracindo, sem estar com o «Primo» na pele, palestra com Alfredo Viviani e Welington Botelho. Pelo visto, a conversa não era muito engraçada



Nada de rádio-ator, produtor, animador! Boxeur, entenderam bem? Boxeur!... Será que o Pelópidas dá pro trôço?



Outro grupo. . . mas acontece que só Dora Lopes, Belinha Silva e a outra criatura, que vemos à direita, brincaram... Dalva de Oliveira e Tito Climent nada quiseram

NO JOÃO CAETANO

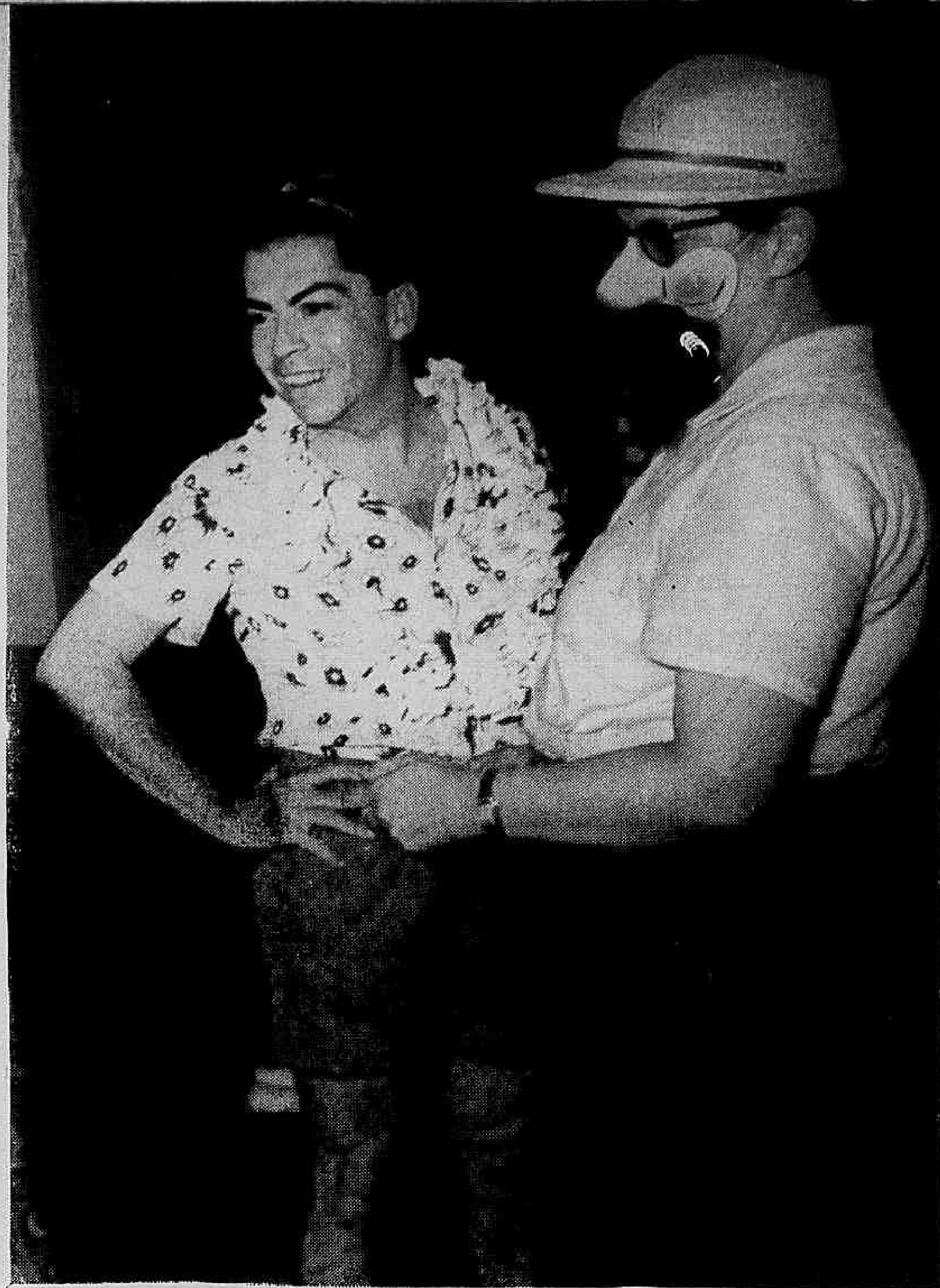
OS RADIALISTAS SE ACABARAM

QUANDO A TRISTEZA E' POSTA DE LADO — UM TRIO DÁ A NOTA — DERCY, SOLITÁRIA — OS LOCUTORES DESMENTEM UM "PIXE" MAL JOGADO. . . — MÁRIO LEÃO HONROU SEU SOBRENOME. . . — MUITA ALEGRIA E MUITO AMOR

Reportagem de OCOSA
Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

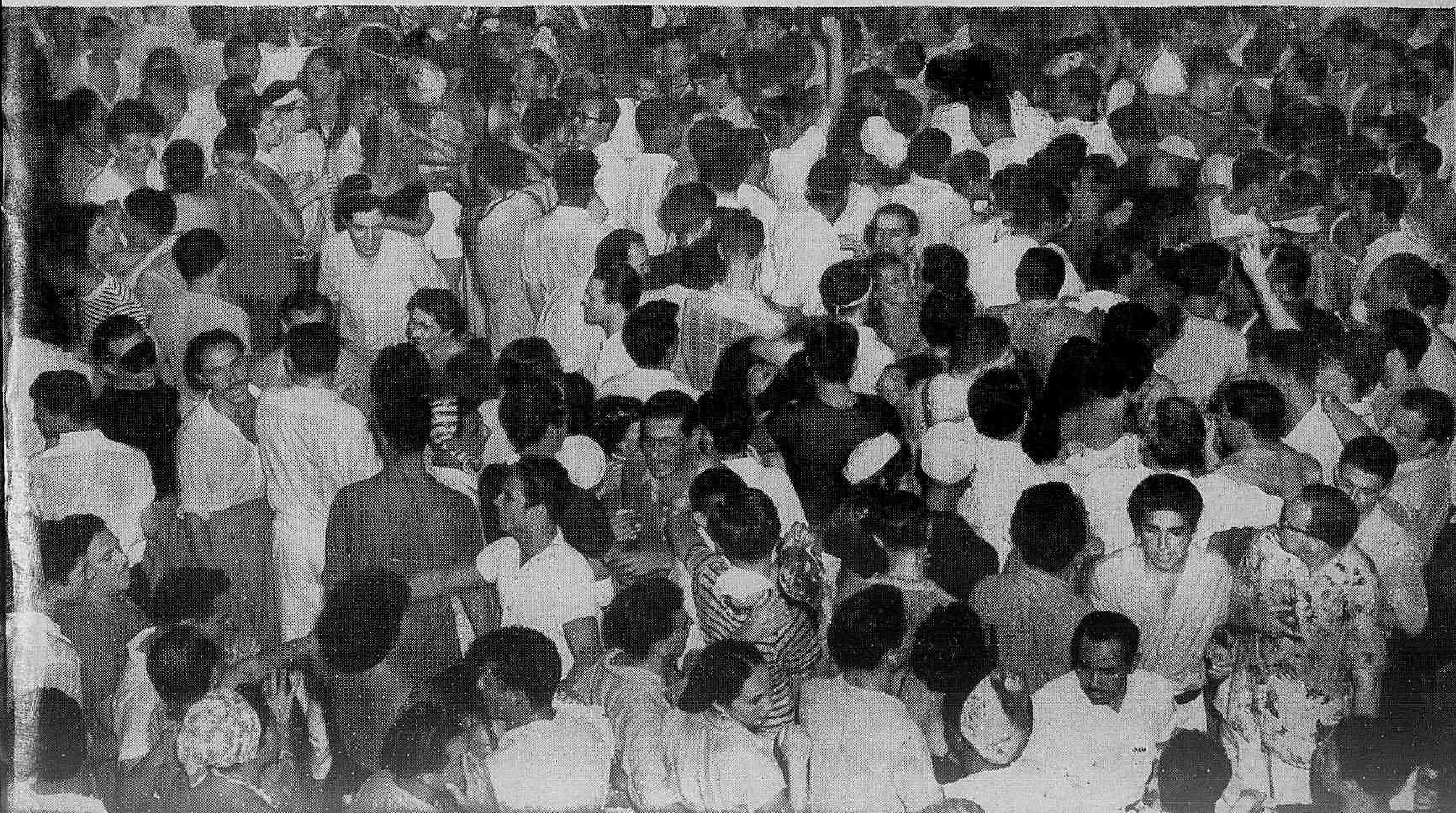
Grande noite viveu a família radialista carioca no dia 10 último. O Teatro João Caetano foi tomado de assalto pelos homens do sem-fio que estavam dispostos a mostrar o quanto gostam da folia. Sem distinções e preconceitos impossíveis, todos se divertiram e muitos lamentaram quando a orquestra atacou o «Cidade Maravilhosa».

A casa de espetáculos da Praça da Independência estava à cunha; camarotes cheios de convidados e



Altivo Diniz e Suzy Kirby não trocaram de mau com a folia. Pelo contrário, atenderam seu apêlo prontamente

Foi pequeno o salão do João Caetano para conter os acesíssimos radialistas. Reparem na foto até onde chegou o termômetro. . .





Isis de Oliveira nem parecia aquela ingênua que comove corações. Caiu de rijo na folia. Tomou, também, muito refrigerante... No «flash», Manoel Barcelos dedica-lhe um traguinho de uisque



Deixando Emilinha por um instante, Mary Gonçalves fêz pose ao lado de seu eleito, o simpático Bill Farr

radialistas mais moderados, quanto à pândega; o salão era um formigueiro, e o palco tornou-se miudinho ante o ataque dos que fazem rádio.

★

As fantasias estavam escassas, mas compareceram ao baile muitas criaturas dignas de serem apreciadas de perto. Em meio àquela alegria, Cupido andou dando pulinhos, pondo em polvorosa as «caras-metades» que acompanhavam seus respectivos esposos. O espetáculo foi grandioso. Era o grito de carnaval que a exitosa Associação Brasileira de Rádio dedicava a seus inúmeros associados e convidados. Não houve distúrbios sérios. Lá uma vez ou outra um desentendimento, mas o sossêgo e a alegria contagiantes não foram perturbados. Dizemos sossêgo porque nem todos caíram na pândega. Os componentes da alta direção da ABR se desdobraram, suaram a camisa, mas tiveram seus esforços recompensados, pôsto que o Baile do Rádio deixou muito senfilista com saudade e torcendo para chegar logo o outro. Mais uma vez o dedo vigoroso e entusiasta de Manoel Barcelos apontou o êxito à entidade que dirige.

★

Vimos muita gente boa se acabando. Tina Vita, Altivo Diniz, Nanci Wanderlei, Jaime Filho, Isis de Oliveira, Maíra Filho, Brandão

A Rainha foi apreciar a pândega de cima. Juntamente com ela notamos alguns dos que não quiseram nada, como sejam Jorge Veiga, Roberto Faissal e algumas fãs da soberana





Pallut e Alba Regina ficaram sòmente fazendo a cobertura da pândega. Não acederam ao convite da sra. d. folia. Ao nosso ver, perderam muito...

Reis, Neuza Tavares, Darci Pedrosa, Manoel Brandão e Reinaldo Costa desfizeram o juízo que muitos faziam de êles não serem bons foliões. Um trio se destacou dos demais grupos que foram formados: Tina Vita, Maíra Filho e Isis de Oliveira. Nem pareciam aquêles que os ouvintes estão acostumados a apreciar nos seriados da

O «Dr. Infezulino» esqueceu a sua rispidez de auditório e encarou os «brotos» como manda o figurino. Está bem servido o Osvaldo Elias, não?...





Chocolate e Ivan de Alencar, um tanto «molhados» pela «chuva», fazem frente à camera de Alexandre ao lado de uns amigos...

Rádio Nacional. Os locutores também mostraram que não são só de ler textos. Caíram de rijo em cima da folia e por pouco não acabavam com a festa...

★

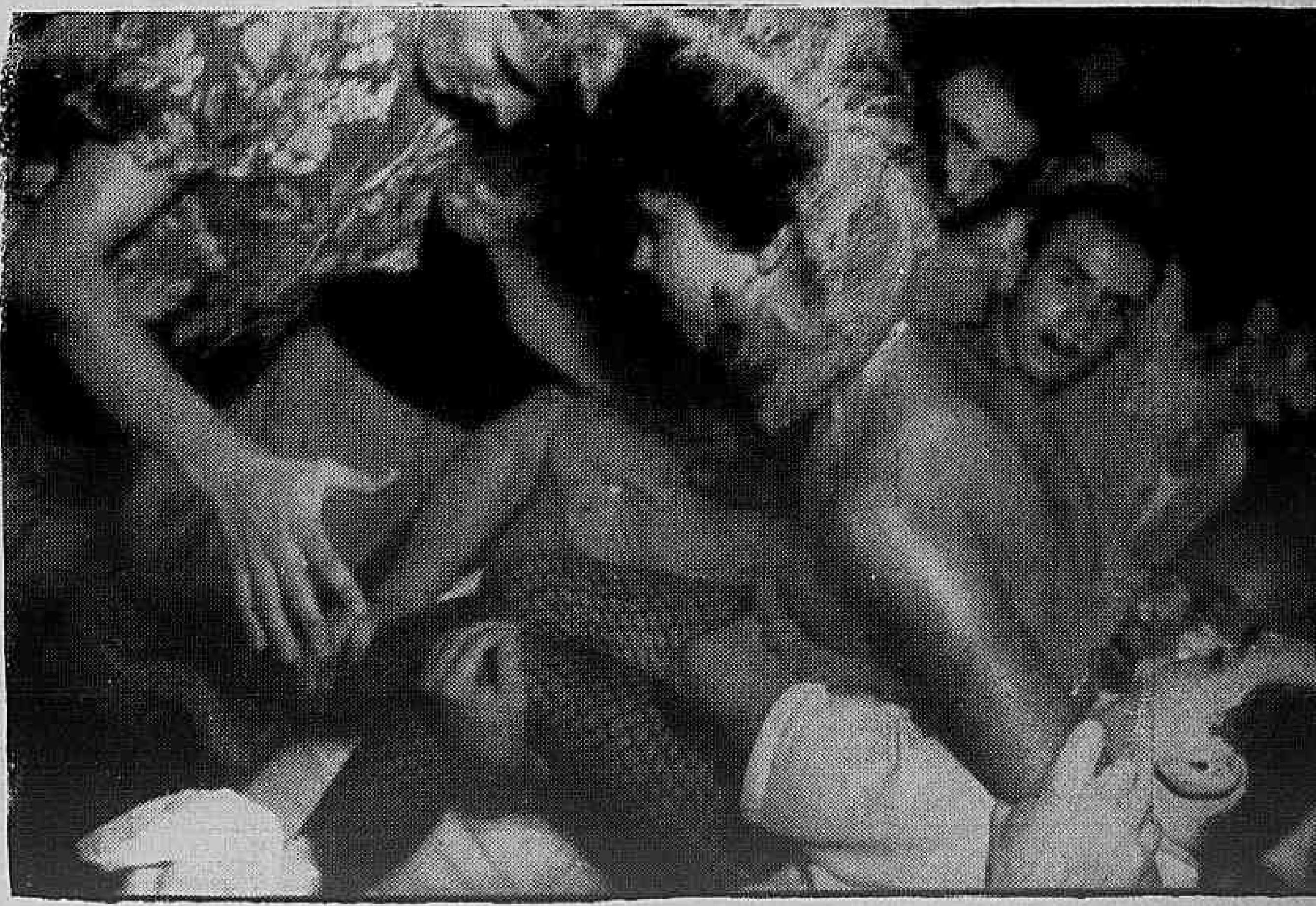
Uma figura que nos despertou a atenção foi a de Derci Gonçalves, que se deixou ficar muito circunspecta num dos camarotes laterais. Estranhamos a Derci, pois estamos acostumados a vê-la sempre alegre e bem-humorada. Ao seu lado estava o galã Fernando Vilar, acompanhado de seus respectivos óculos pretos. A Maria Neide, da Roquete, também ficou solitária. Não atinamos como, num ambiente alegre como o que presenciamos, algumas pessoas ficassem quase que alheias ao estardalhaço das vozes foliônicas.

★

A coroação aconteceu lá por volta da meia-noite. Antecedendo à chegada da nova soberana dos

(Cont. na pág. 30)

Alguns dos que se acabaram na memorável noite de 10 de fevereiro. Noite inesquecível, não há dúvida



BAIRRO DA PERDIÇÃO

(Cont. da pág. 9)

dos tipos humanos que da história em si. Para isso, escolheu Arturo de Cordova para protagonizar seu filme ciente de que o maduro astro só poderia valorizar a personagem imaginada dentro daquela trama de pescadores bons e rudes capazes de todos os extremos de bondade ou de perversidade.

Virginia Luque, soube ser uma atriz de recursos interpretativos, não é bem o tipo ideal para viver uma mulher mal intencionada e de baixos propósitos.

Bem desempenho nos oferece o garôto Nestor Zavarce.

GARÔTAS DA PRAÇA...

(Cont. da pág. 14)

suicidar-se... é salva e consegue curar-se dos danos e do amor.

Transcorrem assim outros dias e acontecimentos menos importantes se sucedem até que Helena encontra um namorado sincero e honesto. Na pessoa de Marcelo, um chauffeur de táxi. Marisa, depois de uma grande luta com uma rival que havia tentado substitui-la no coração de Augusto, reconquista-o e Lucia cansada de namorar homens altos, dis sim ao pequeno e fiel Amleto.

Assim Marisa, Helena e Lucia não voltarão mais a Praça de Espanha, porém sôbre as suas famosas escadas onde tanto riram e suspiraram e sonharam, outras jovens se sentarão, rirão, suspirarão e sonharão com seus príncipes encantados... porque a vida continua!

PAULO GRACINDO...

(Cont. da pág. 26)

PG não carece de fundamento o boato de que você se candidataria nas eleições de 54? Êle não pulou tanto, mas...

— Deus me livre! ... O "Primo pobre" talvez seja apresentado pelo "Partido Lata D'água na Cabeça"... E, olha, eu tenho fé na sua eleição, pois tôda a sua propaganda será feita através do nosso sextafeirino "Balança mas não cai". O Zé Povinho não vai deixar seu líder em falta...

Por falar em "Primo pobre", achamos interessante saber quem foi o criador da tão famosa dupla "Primo pobre" e "Primo rico". Não desmerecendo o Paulo, pensávamos que fôsse criação de Max Nunes, mas não. A dupla fôra criada pelo PG há muito tempo, quando a Nacional mandava ao éter o seu programa "Vinte e quatro horas da vida alheia", onde passava em revista primos, tias, os mais variados tipos de família. Certo dia, examinava o *mestre* Max — Paulo faz questão de chamá-lo assim, pois considera-o como tal — alguns "scripts" do antigo cartaz da E-8, quando sua atenção foi despertada para aquela dupla que, na certa, faria muito sucesso. E foi o que aconteceu. Lançada no "Balança", pegou que nem visgo na preferência do público ouvinte.

O tempo que passou produzindo ao lado de Max Nunes foi de grande proveito, pôsto que, saindo Max, Paulo foi encarregado pela direção artística da PRE-8 a produzir todos os programas que eram chancelados pelo fundador do "Edifício balança mas não cai". Volta e meio e Gracindo lembrava o *mestre*. Estava certo.

Paulo, acha que a Nacional paulista ainda chegará aos pés da co-irmã carioca?

— Sem dúvida alguma. A PRG-9 vai de vento em pôpa. Isso porque, todos os "broadcasts" que fazem sucesso no Rio estão sendo reapresentados com grande aceitação na terra do café. Não demoraremos muito e teremos a ex-Excelsior no primeiro pôsto das emissoras bandeirantes.

★

— Queixas da Nacional não tenho. Todos me tratam muito bem e sempre fui bem apoiado pelos seus mentores. Por que vou criticar A ou B, se todos me tratam bem? E de mais a mais, isso aqui é uma família só, é a família nacionalista. — Essa resposta, não temos dúvida, anula muita coisa dita de má fé pelos corredores das emissoras. Paulo descobriu o emprêgo que lhe agüentará até à velhice.

OS RADIALISTAS...

(Cont. da pág. 29)

radialistas, as duas orquestras atacaram duas marchinhas reais. Os foliões abriram um parêntesis e formaram duas alas para que a Rainha Emilinha Borba pudesse atingir o trono situado no centro do palco. Acompanhada por Bill Farr e Mary Gonçalves, Ângela Maria, Marly Sorel, Rogéria e outros cartazes do rádio, Emilinha a muito custo, pois todos queriam vê-la em seus trajes reais, encaminhou-se para a macia poltrona de veludo vermelho. Aí foi a conta: os fotógrafos, quais aves esfomeados, querendo os melhores ângulos, acotovelavam-se uns aos outros. Durante minutos ninguém se entendeu; até que, Mário Leão, honrando o seu sobrenome, deu umas ordens e organizou uma fila de fotógrafos. Aí sim: uma câmara e uma foto de cada vez. A paz voltou a reinar entre os fotógrafos e a família real.

Depois de queimados muitos «flashes», foi procedida a passagem da coroa. Mary Gonçalves, emocionadíssima, entregou, com aquêle seu simpático sorriso, a coroa à Rainha Emilinha Borba. A nova soberana, meio aturdida com aquêle povaréu e ali acuada entre guarda-civis, membros da PE e outras milícias, foi moderada em palavras e as poucas que disse saíram cheias de emoção e de lágrimas. A Rainha chorou de verdade. Depois choveram as palmas. Estavam satisfeitos os fãs da **favorita**: Emilinha era, oficialmente, a soberana dos radialistas. Passado o momento da coroação e das fotografias, rainha e princesas se dirigiram para o camarote fronteiro ao palco. Lá permaneceram até uma certa hora, retirando-se após para os aposentos reais.

★

Recomeçou a pândega que entrou pela noite a dentro, tornando-a uma noite inesquecível para os radialistas. Uma noite que só se repete uma vez por ano. A ABR dedica uma noite no ano para que seus associados esqueçam as agruras da vida e caiam de verdade na folia, realizando, assim, uma espécie de **individual** para os três dias de Carnaval. Só não se divertiu mesmo o pessoal que é mais da calmaria do que da alegria em alta dose. Estêve magnífica a festa radiofônica do dia 10. Venceram mais uma vez os homens que estão à testa da entidade dos radialistas.

★

Nós apreciamos e nos divertimos muitíssimo no Baile do Rádio. Não temos restrições a fazer. O que houve de anormal é conseqüência natural de um ambiente alegre e cheio dessa gente nova e buliçosa que integra as nossas emissoras.

Mais uma vez está de parabéns a Associação Brasileira de Rádio, pelo brilhantismo de que vêm sendo coroadas suas realizações.



É TÃO FÁCIL GANHAR CR$ 1.000,00

Não deixando de ter em casa o melhor para os móveis

Óleo de Cedro

Se a senhora ainda não experimentou êste produto, experimente-o que jamais deixará de usá-lo, estamos absolutamente certos.

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA» TODOS OS DOMINGOS NO «RADICAL» E AS SEGUNDAS-FEIRAS NO «CORREIO DA NOITE»

Álbum REVISTA DA SEMANA

EDUCATIVO E TURÍSTICO

GRANDE CONCURSO

PRÊMIOS QUE VÃO A MAIS DE 200.000 CRUZEIROS

Veja condições na

REVISTA DA SEMANA

MÉDICO — Bem... ela teve uma hemoptisis. Em se tratando de um caso precoce, isso é perigoso. Mais perigoso do que o normal. Se acontecer mais vêzes, ela pode morrer sem que haja tempo de uma intervenção médica.
HORTÊNSIA — Não podemos levá-la para um hospital, doutor?
MÉDICO — Não é aconselhável, porque está muito fraca e não resistiria à viagem. Isso só seria viável antes da hemoptisis. Agora é perigoso.
HORTÊNSIA (Contristada) — Teófilo... essa menina vai morrer assim, sem que a gente possa fazer nada?
TEÓFILO — Infelizmente, Hortênsia... o médico tem razão. A culpa foi nossa. Ficamos esperando tôda a vida que alguma coisa acontecesse. Agora...
HORTÊNSIA — Mas não podíamos prever que o caso fôsse se agravar tão depressa!
MÉDICO — De fato, foi um descuido da sua parte. Agora temos que esperar, minha senhora. Não podemos tentar coisa alguma por enquanto. Temos que esperar que ela se restabeleça o suficiente para a levarmos daqui.
TEÓFILO — Não há nenhuma indicação, doutor?
MÉDICO — Bem... tenham muito cuidado com ela e não a deixem sòzinha. Vou dar uma receita... e pode ser que com a ajuda de Deus a gente consiga alguma coisa.

. . . .

TIO JUCA — Agora, minha filha, você deve ficar bem quietinha aí na cama e não falar em se levantar tão cedo. Está se sentindo melhor?
MARIA (Muito fraca, num fio de voz) — Muito pouco, Tio Juca. Ainda vejo tudo escuro... mas está passando...
TIO JUCA — Passa, sim. Não precisa se impressionar, que dentro de alguns dias você estará melhor... e a gente vai andar outra vez lá pelo quintal... apanhar frutas... Você não quer?
MARIA — Quero... mas acho que não vou me levantar mais não, Tio Juca.
TIO JUCA — Que é isso?... Não diga mais essas tolices, meu bem. Olhe, eu tenho visto gente em pior condição se arribar, até ficar curada. Isso que aconteceu com você é coisa à-toa...
MARIA (Tosse dèbilmente) — Tio Juca...
TIO JUCA (Angustiado) — Não fale mais, minha filha. Você não pode fazer esfôrço... Fique caladinha... eu converso com você... não precisa responder...
MARIA — Tio Juca...
TIO JUCA — Que é?
MARIA — Está anoitecendo... ou é por que estou vendo tudo escuro mesmo?
TIO JUCA — Não, meu bem... já está anoitecendo. E' quase noite.
MARIA — Ah... estava com mêdo. Não quero dormir aqui sòzinha...
TIO JUCA — Não vou deixar você sòzinha não, Maria Angélica. Não sairei daqui um só instante. Pode dormir sossegada. Eu não deixarei você.

RÁDIO NOVELA

de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO XXV

À medida que os dias passavam, d. Malvina ia se convencendo de que cometera um grande êrro em ter castigado Maria Angélica tão severamente. O resultado dessa atitude fôra o desprêzo que o povo estava lhe votando, agora que todos viam na menina — não uma criatura dotada de poderes malignos — mas u'a mártir da incompreensão e da insensatez. Todavia, o que mais torturava a perversa mulher não era a pressão que o povo lhe fazia, mas o remorso que já lhe cravara no espírito as suas garras poderosas.

. . . .

MALVINA (Abatida — Chorosa) — Onde será que ela está seá Raimunda? Por que fêz isso comigo?
RAIMUNDA — A senhora não pode se queixar não, d. Malvina. A senhora não fêz muito pior com ela?... Fechar a coitadinha naquela despensa fria que mais parece de gêlo!
MALVINA (Torturada) — Basta, seá Raimunda. Não precisa me atormentar mais. Já chega o que tenho sofrido por causa disto.
RAIMUNDA — Não chega não, d. Malvina. Ainda é pouco.
MALVINA — Porque insiste em me magoar dessa maneira? A senhora tem algum prazer nisso?
RAIMUNDA — Quero que a senhora pague pelo que fêz, d. Malvina. Enquanto a menina não aparecer de novo, a senhora não há de ter sossêgo. E' isso o que acontece a gente que persegue os coitadinhos que não têm fôrça nem para se defender. Deus não gosta disso não, d. Malvina. Êle ajudou a menina a fugir, só para lhe dar um exemplo. Agora, o que a senhora tem que fazer é pedir perdão a Êle... e que a menina volte para casa. E' isso.
MALVINA (Acovardada) — Estou muito arrependida, seá Raimunda. (Indecisa) — e... eu acho que... que não tenho mais jeito para rezar. Deus não ouvirá as minhas orações.
RAIMUNDA — A senhora está enganada. E' mais fácil Deus ouvir uma oração da senhora do que a dessa gente que vive batendo no peito o dia inteiro! Às vêzes é só hipocrisia, d. Malvina. Não está vendo? Os que vivem na igreja foram os primeiros a dizer que a menina era uma feiticeira... e são os mesmos que agora estão falando da senhora. E' por isso que eu falo que Deus atende aos que precisam...
MALVINA — E eu estou precisando... reconheço isso... mas tenho mêdo. Que devo fazer, seá Raimunda?... Há muito tempo que não entro na igreja...

RAIMUNDA — D. Malvina... não é só na igreja que a gente se encontra com Deus. Êle está em tôda parte... e quem sabe se aqui mesmo, ouvindo o que a senhora está falando comigo, e com mêdo de dizer a Êle?

MALVINA — E' verdade. Acho que a senhora tem razão. Eu vou tentar... e se êle me ouvir... eu mudarei o meu modo de pensar, e serei outra mulher!

....

HORTÊNSIA (Apreensiva) — Teófilo... que foi que o médico disse?

TEÓFILO (Abatido) — O mesmo que todos dizem. Tratamento, repouso, boa alimentação. Mas eu acho que êle não tem muitas esperanças. A menina está muito enfraquecida... e a doença já tinha avançado muito antes de se manifestar.

HORTÊNSIA (Contristada) — Será possível?... Não... precisamos fazer alguma coisa, Teófilo. Não podemos deixar essa menina morrer assim... longe dos pais. Isso não pode ficar assim!

TEÓFILO — Que podemos fazer, Hortênsia?... Já fiz tudo para que ela me dissesse ao menos onde mora. Não foi possível. Ela é de uma obstinação fora do comum.

HORTÊNSIA — Não podemos tentar outro meio?... Deve haver uma solução para isso!

TEÓFILO — Já pensei em tudo. Se não estivesse doente, poderíamos entregá-la ao juiz.

HORTÊNSIA — Não! Seria uma desumanidade!

TEÓFILO — Pois é. Estou falando se ela não estivesse doente.

HORTÊNSIA — Acho que agora o principal problema é o tratamento dela. Precisamos fazer o possível para que ela se cure.

TEÓFILO — Sim... precisamos. E Deus permita que cheguemos a bom resultado.

....

MARIA (Sorrindo dèbilmente) — Você é muito engraçado, Clovis. Gosto tanto de ouvir as suas histórias!

CLÓVIS — Ah, isso não é nada. Tenho outras melhores ainda. Mas por hoje chega. Vamos deixar de lado as histórias e falar da realidade.

MARIA (Tristinha) — Pois é por isso que eu gosto de ouvir as suas histórias. Elas me fazem esquecer da realidade...

CLÓVIS — Por que diz isso?... Não se sente feliz em nossa casa?

MARIA — Muito. Todos são muito bons para mim... bons demais. E eu fico triste... porque tenho que ir embora um dia.

CLÓVIS — Pois pode ficar sempre conosco, Maria Angélica. Nós já a consideramos uma pessoa da casa...

MARIA — Obrigada, Clóvis. Mas eu preciso ir. Estou com muita saudade da Glorinha... da d. Raimunda... e das minhas rosas...

CLÓVIS (Grave) — Acho que você não deve ir agora.

MARIA — Por que?

CLÓVIS — Porque... precisa se curar primeiro, Maria Angélica. Segundo você mesma disse, a sua família é muito pobre... não poderia custear o seu tratamento. E aqui... você tem tudo.

MARIA (Mística) — Tenho tudo... e não tenho nada... porque depois que vim para cá... Ela não veio me ver nem uma vez!

CLÓVIS — Quem?

MARIA — Você não conhece. Ninguém sabe quem é... e ninguém acredita em mim quando eu digo que a vi uma porção de vêzes. E' muito bonita, Clóvis. Tem os cabelos longos... os olhos azuis... e um sorriso bom nos lábios. E quando fala... a sua voz é uma doçura. Faz bem à alma da gente... suas palavras tocam o coração. A primeira vez que a vi foi há algum tempo, quando precisei de vender as minhas rosas... A Glorinha estava doente e o papai precisava de dinheiro. Eu gostava tanto das minhas rosas... fiquei com tanto pesar de cortá-las! Mas apanhei, pus num cesto e fui vender. Ninguém quis comprar, Clóvis. Ninguém! Aí eu me sentei na calçada e fiquei chorando... quando ela veio. Assustei, sabe? era tão bonita! Ela comprou as rosas tôdas! Me deu um punhado de dinheiro! Voltei correndo para casa e entreguei o dinheiro ao papai. (Triste) — E quando êles foram ver, as rosas estavam no jardim. Mamãe me bateu... e depois aconteceu uma porção de coisas... (Tosse).

CLÓVIS — Não precisa contar tudo agora, Maria Angélica. Vamos ter muito tempo para isso.

MARIA — Não, Clóvis, eu... (tosse)

CLÓVIS — Convém ir descansar um pouco agora. Já andamos muito aqui pelo quintal...

MARIA (Sentindo uma tontura) — Clóvis, eu... eu... me segure!

CLÓVIS (Alarmado) — Maria Angélica... que está sentindo?... Que tem?

MARIA (Caindo) — Me segure... está ficando escuro...

CLÓVIS — Oh, meu Deus... Firme-se em mim... (Chamando para longe) — Tio Juca!... Tio Juca!

MARIA (Desfalecendo) — Clóvis... (Respira — Cai) — Ah...

CLÓVIS (Atordoado) — Maria Angélica! Que é que você tem? (Chamando, vendo que êle já vem) — Tio Juca!... Depressa!... Venha depressa!...

TIO JUCA (Chegando, aflito) — Que foi, Clóvis?... Que aconteceu com ela?

CLÓVIS — Não sei... não sei... Veja!

TIO JUCA (observando) — Santo Deus... está pondo sangue pela bôca! Que será isso, meu Deus?!

CLÓVIS — Que faremos, Tio Juca?

TIO JUCA — Eu levo ela para dentro... e você vai correndo chamar o doutor. Vá depressa, Clóvis.

CLÓVIS — (Indo) — Sim... eu já vou...

TIO JUCA (Aflito) Minha Nossa Senhora... que será que aconteceu com a coitadinha?... (Fôrça) — Vamos pra dentro, meu bem... eu carrego você.

....

TEÓFILO (Apreensivo) — E' muito grave, doutor?

MÉDICO — Talvez. Não posso lhe dar muitas esperanças.

TEÓFILO — Pode ser franco... não tenha receio de me dizer a verdade.

SINTONISANDO

RÁDIO TUPI — De uns tempos para cá temos notado uma grande falta de gôsto na programação da PRG-3. Seus programas não têm mais aquela atração que os caracterizava e que prendia inúmeros ouvintes aos receptores. Diversas pessoas que eram assíduas às atrações do "Cacique do Ar" nos têm feito queixas amargas contra a falta de desvêlo dos seus programadores. Isso muito nos entristece, pois a Tupi tem tudo que uma emissora moderna possa desejar. Nem parece que existe um verdadeiro "rádio-man" à sua testa, que é o esforçado Paulo de Grammont. Convém ressaltar-se que o capaz Paulo não tem mais aquela fôrça que possuía, pôsto que agora não manobra sòzinho com as rédeas da G-3, ao seu lado, mandando mais um pouco, está Péricles do Amaral. Se os dois se entendessem muito lucrariam os rádio-ouvintes, mas cremos que tal não acontece. Ainda há pouco sucedia na "líder associada" um dos maiores descalabros da vida radiofônica: Otávio Augusto Vampré, que alguns suportam como novelista produzia semenalmente cêrca de dez programas. Consideramos isso um grande desastre e fazendo côro às nossas assertivas existia muita gente. Vampré, como novelista pode ser suportado, mas produzindo variedades é um caso sério de ser resolvido. A verdade, queiram negar ou não, é que o ambiente na estação da Av. Venezuela não está nada agradável e é esperada, para qualquer momento, uma debandada geral. E' profundamente lamentável que um prefixo de tão boas tradições se deixe enterrar pachorrentamente pelos seus ineficientes mentores. Que nossas palavras não tenham sido gastas em vão são os nossos augúrios, pois, sejamos justos, o público rádio-ouvinte tem o direito a exigir do bom e do melhor.

RÁDIO CLUBE DO BRASIL — Apesar de ter perdido aquêle sôro de popularidade que lhe injetou Sérgio de Vasconcelos, vai a "Pioneira" de vento em pôpa fazendo rádio de acôrdo com a época atual. Alguns escribas já disseram que o sr. Marques Rebelo não está fazendo algo de extraordinário na A-3, mas, assim mesmo, não podemos deixar de reconhecer o esfôrço do colunista de "Última Hora" em proporcionar aos "habituées" da emissora do Cineac alguns "broadcasts" dignos de serem sintonizados. O rádioescuta que sintonizar a estação dos 840 quilociclos notará, logo de prento, a boa vontade de que estão imbuídos os programadores da "Pioneira" em dar aos ouvintes algo que lhes chegue saborosamente aos ouvidos. Já começam a notar que estação de rádio não é serviço de alto-falantes onde se berra a plenos pulmões para se ser ouvido por todo o mundo. Os programas de auditório foram bastante reduzidos; sòmente um ou dois continuam, mas são irradiados externamente. Alguns invejosos podem mimosear à nova direção da Clube com superlativos pouco elogiosos mas a verdade é completamente outra. Êles qualquer dia a sentirão e, incontinenti, meterão a viola no saco.

RÁDIO GLOBO — Não se pode negar ter a Globo caido muito no conceito público com a extinção de seu "cast" de rádio-teatro. Por outro lado, entretanto, trabalham ativamente seus diretores para entrar de rijo no campo do rádio-jornalismo e, conseqüentemente, atrair muitos ouvintes com os seus informativos que, segundo nos afirmaram, serão colhidos na própria fonte. Não teremos os célebres informativos de telefone, nem tão pouco as tradicionais corridas telefônicas tão vulgares em nossos periódicos. A emissora do simpático Luis Brunini vai fazer sombra a muita estação que se intitula maior em tudo. A trôpega Tupi e a Continental que se acautelem, pois Raul Brunini e seus comandados vão fazer seus co-irmãos comer fogo e andar muito ligeirinho. Oxalá, dessa vez a ex-Transmissora acerte o pé.

Rádio-Social

TIA LAURA

Carregando nas costas cinqüenta anos bem vividos — não posso me queixar — compareci ao João Caetano para apreciar meus sobrinhos no "Baile do Rádio". Se disser que dancei, vocês não acreditarão, mas até que vontade não faltou. Ah! Fui testemunha de cada cena que me lembrava, muitíssimo, meu tempo de "brôto"! Beijos dados à queima-roupa, carícias modernas — a sopapos — convites corajosos e sempre repelidos por mocinhas de família, declarações de amor a três-por-dois. Gostei muito da festa radiofônica. Com o calor reinante, a turma estava num fogo danado e, de vez em quando, havia a necessidade de se esfriar os ânimos. Valeu a pena, melhor direi, valeu a gasolina que gastei de Campo Grande, onde tenho uma granja moderna, à Praça da Independência.

CLÍMACO E OS "BROTOS"

Aquêle Clímaco César que estamos acostumados a ver, sorumbático, nos corredores da Tamoio, estava completamente mudado, no João Caetano. Deu um trabalho tremendo aos "brotos". Eu vi, assim pertinho dos meus óculos, êle fazer umas carícias violentas numa mocinha bem simpática. Como capangas, estavam ao seu lado os locutores Paulo Campos e Hamilton Martins. Um pouco mais tarde, quando fui dar um giro pelos camarotes, encontrei-o aos beijos com outra criatura. E' o caso de eu, daqui da coluna que o Levy me entregou, lançar um aviso às minhas sobrinhas, para que tenham cuidado com o sisudo (vírgula!) produtor da B-7.

GERDAL ARRUMADO

Meu sobrinho Gerdal dos Santos é um menino muito simpático. E, fazendo valer sua simpatia, pescou uma grande menina, no baile radiofônico. Segundo eu ouvi a dita cuja declarar, há amor no caso, quer dizer, ela topa o sobrinho Gerdal pra xuxu. Tomara que saia casamento.

EVALDO E NEIDA???

Lá atrás, no fundo do palco, numa das mesas instaladas pela ABR, Neida Rodrigues e Evaldo Rui davam gostosas gargalhadas. Pareciam mesmo dois namorados. Eu fiquei surprêsa com a possível escolha da minha sobrinha, rádio-atriz da Tupi. Será que vamos ter essa impossível surprêsa? Neida, querida, procure sua Tia, aqui na redação e ela lhe dará ótimos conselhos.

UM TRIO DÁ A NOTA

Mafra Filho, Ísis de Oliveira e Tina Vita, formando um trio de arrasa-quarteirão, deram a nota. Pularam, bebericaram e desfizeram uma dúvida que reinava em meu cérebro. Êles são de alguma coisa. Digo isso porque, certa vez, um sobrinho havia me dito que êles não eram de nada. Agora, já ponho a minha mão calejada nas brasas por êsse inigualável trio.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... **Nº** ......

CIDADE .... **ESTADO** ....

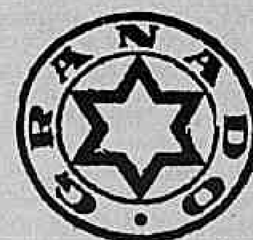
Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00

O Remédio de Confiança das Senhoras





GINOSEDOL



JOÃO FREY

A RÁDIO PAGA UMA...

(Cont. da pág. 24)

disso, por várias vêzes foi convidada a entrar nos pleitos anteriores que apontariam a Rainha do Rádio. Apresentando razões fortes, ela nunca aceitou. Mas, entretanto, não deixava de trabalhar pelas suas colegas que se apresentavam candidatas. Aliás, na campanha pró-eleição de Dalva de Oliveira e Marlene, Emilinha foi uma das que mais lutaram durante a angariação de votos.

★

Êste ano não foi possível a recusa. Seus fãs nem perguntaram se ela queria ser candidata: lançaram sua candidatura à francesa, por conta própria. E Emilinha não os deixou na mão, aceitando, incontinenti, a indicação. Foram lançadas as outras candidaturas: — Marly Sorel, pela Rêde Continental; Ângela Maria, pela Mayrink Veiga; Haydée Miranda, pelas «Associadas»; Rogéria, pela Mauá-Guanabara; e outras dos Estados. Tôdas cairam de tacão sôbre o trabalho de cabala dos votos. «Shows» foram organizados, adesões foram arranjadas entre as agremiações esportivas da cidade, e os votos começaram a aparecer. E o Hospital dos Radialistas começou a ganhar milhares de tijolos diàriamente. Marly Sorel e Rogéria pintaram grandemente como vencedoras; Emilinha, dando um susto em seus fãs, não saía do quarto pôsto. Os dias iam se sucedendo e as candidatas acrescentavam milhares de votos aos que já possuíam. Emilinha sempre na calmaria que assusta. Na penúltima apuração o cheque foi tremendo: Emilinha não era a primeira colocada. Os «emilinhanos» quedaram-se estupefatos. Não era possível tal coisa. Como poderia a «Favorita» perder uma «barbada» dessas? Chegamos à última apuração. Os votos foram despejados na mesa quadrada do bar da Associação Brasileira de Rádio. Marly, Rogéria, Ângela e Haydée começaram a estourar votos e mais votos. Quando chegou a vez de Emilinha, houve um corre-corre tremendo: seus votos, os dela sòmente, sobrepujavam os votos das outras candidatas reunidos. Vencera Emilinha, após uma campanha digna de todos os louvores. Tinha o rádio sua nova soberana.

Mais uma vez está comprovado o conceito que Emilinha possui entre os radioescutas de todo o território verde-amarelo. Vencera a vontade do povo num pleito em que, de fato, o povo tomara parte ativa. Quase oitocentos mil votos recebeu a «Favorita».

★

Sua coroação no dia 10, no Baile do Rádio, realizado no João Caetano, foi consagradora e comovente, arrancando-lhe lágrimas de emoção e de agradecimento aos seus esforçados fãs, que não mediram esforços em levá-la à soberania radiofônica. Emilinha Borba é a nova Rainha do Rádio brasileiro. E' a rainha que o nosso rádio desejava.

ESTRÉIAS NO MUNDO...

(Cont. da pág. 6)

to. No dia seguinte a bailarina quer saber porque Hans faltou à estréia e o diretor lhe explica o que aconteceu. Ela manda procurá-lo e logo descobre que êle está enamorado de si. O diretor entra e beija sua mulher. A verdade então se desvenda para Hans.

Regressando a casa, Hans se cientifica que Peter foi embora. Também deixa a cidade e alcança no caminho seu aprendiz, a quem promete nunca mais voltar ao mundo de suas histórias. Peter lhe diz que isso é impossível. Em Odense, Hans voltará a alegrar a petizada com seus contos fantásticos...

PROGNÓSTICOS — Eis o resumo do "screenplay" de "Hans Cristian Anderson". Uma perfeita incursão no domínio da poesia mais pura. Ponham agora tudo isso em colorido, com a direção de Charles Vidor e o desempenho de Danny Kaye, e certamente terão um dos mais belos filmes de todos os tempos

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 64? — São Paulo.

A venda também nas Livrarias do Rio • Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

CINE-CRÍTICA

(Cont. da pág. 20)

unimos com LAÇOS HUMANOS nossas DUAS VIDAS, mas CASEI-ME COM UM MORTO, pois O GENERAL MORREU AO AMANHECER, antes do SOL DA MANHÃ. O que ACONTECEU NAQUELA NOITE, UMA NOITE DE AMOR, foi uma DELICIOSA AVENTURA. Aí vivi OS PIORES ANOS DE MINHA VIDA, foi uma VIDA APERTADA, VIDA DE CACHORRO. Fui morar numa RUA SEM SOL, no SOLAR DE DRAGONWYCK, tinha 39 DEGRAUS na entrada. Só comi ARROZ AMARGO e BANANA DA TERRA, passei DIAS SEM FIM carregando A CRUZ DE UM PECADO, mas O PODER DA FÉ, O PODER DA MULHER venceu a JORNADA DA AGONIA, JORNADA DO PAVOR e num ESTRANHO RECURSO O CÉU MANDOU ALGUÉM: JOHNNY ALLEGRO, foi UM ANJO EM MEU CAMINHO, arrumou um APARTAMENTO PARA DOIS na RUA DAS ILUSÕES, e passei DIAS FELIZES AO COMPASSO DO AMOR, AO COMPASSO DA VIDA. Não estava ENAMORADA, mas tinha CASA, COMIDA E CARINHO. Vivi em ANGÚSTIA sabendo que A NOITE TEM MIL OLHOS e SE A LUA CONTASSE meu TORMENTO, meu DESESPÊRO À BEIRA DO ABISMO NA COVA DAS SERPENTES, NESTE MUNDO E NO OUTRO eu mereceria TUDO ISTO E O CÉU TAMBÉM. Como o CORAÇÃO NÃO TEM FRONTEIRAS fui ATE' AOS CONFINS DA TERRA, NO CORAÇÃO DO OESTE. Conheci DOIS AVENTUREIROS NO TEXAS, dois ESPÍRITOS INDÔMITOS sem ORGULHO que seguiam CAMINHOS DO SUL. Em DAKOTA encontrei BUFFALO BILL, O COMPRADOR DE FAZENDAS. Fiquei PERDIDA, PERDIDA DE AMOR, PERDIDA PELA PAIXÃO. Foi O MELHOR DOS HOMENS MAUS que conheci. O IDIOTA vivia EMBRUTECIDO PELA VIOLÊNCIA, entre LADRÕES DE BICICLETAS. Que BAIXEZA, tanta BRUTALIDADE deixou-me a ALMA EM REVOLTA que AO CAIR DA NOITE fugi para a CALIFÓRNIA, TERRA DO MEU DESTINO. Que DESTINO, DESTINO AMARGO. NO CAMINHO DA VIDA, apareceu RODOLFO VALENTINO, meu ÍDOLO, AMANTE E HERÓI, talvez o MEU MAIOR AMOR, MEU VERDADEIRO AMOR, mas QUEM E' BOM JÁ NASCE FEITO e O BANDIDO levou-me para o MORRO DOS VENTOS UIVANTES, ATRÁS DO SOL NASCENTE e segui O CAMINHO DA PERDIÇÃO como UMA MULHER QUALQUER, UMA MULHER SEM IMPORTÂNCIA, uma VAGABUNDA, cobrando O PREÇO DE UM PECADO. UM GÔSTO E SEIS VINTÉNS por UM MOMENTO EM CADA VIDA. Vendo O RETRATO DE DORIAN GRAY fiquei apaixonada. Nosso ENCONTRO INESPERADO, foram 24 HORAS DE SONHO, foi um ENGANO FATAL DENTRO DA VIDA. Êle vivia NA VORAGEM DO VÍCIO, era O ÚNICO HOMEM VIRGEM SÔBRE A TERRA. Viver À MARGEM DA VIDA, num MATRIMÔNIO INVERTIDO, nunca. A VIDA TEM CADA UMA, mas CADA VIDA SEU DESTINO e CADA QUAL COM O SEU DESTINO. Entre A PONTE DE WATERLOO e A TÔRRE DE LONDRES encontrei SCARAMOUCHE, foi um AMIGO DE VERDADE, mas num VENDAVAL DE PAIXÕES partiu dizendo ADEUS, MEU AMOR, PARA SEMPRE E UM DIA. Em DAMASCO conheci OS PIRATAS DE MONTEREY, pareciam ABUTRES HUMANOS NUM CORPO DE MULHER. Levantaram NUVENS DE TEMPESTADES num VENDAVAL MARAVILHOSO, deixando meu CORAÇÃO PRISIONEIRO em FARRAPO HUMANO. Fui para STRÔMBOLI, lá AMEI UM ASSASSINO, GUILHERME TELL. Derramei LÁGRIMAS DE SANGUE, LÁGRIMAS TARDIAS, LÁGRIMAS DO CORAÇÃO, mas venci as BRUMAS DA VIDA. Sentindo um PERFUME DO ORIENTE, fui até O JARDIM DE ALLAH, O JARDIM ENCANTADO e conheci KIM, O HOMEM SEM PÁTRIA. Era CEDO PARA BEIJAR, mas êle tinha LÁBIOS QUE ESCRAVIZAM e AQUÊLE BEIJO À MEIA-NOITE deixou-me com A MARCA DO ZORRO. Conheci ANGELINA, A DEPUTADA, e MARIA CRISTINA, minha AMIGA MALUCA. ÉRAMOS TRÊS MULHERES e conhecemos TRÊS GRANDES AMIGOS, TRÊS VAGABUNDOS no EXPRESSO PARA BERLIM. Como tínhamos TRÊS DESTINOS e TRÊS SEGREDOS, nossa DESPEDIDA foi num CREPÚSCULO DOS DEUSES garantindo UM LUGAR AO SOL. Em MALAIA conheci JIM DAS SELVAS, um ADORÁVEL VAGABUNDO. Tinha ALMA DE BOÊMIO e vivia NA JAULA DOS LEÕES com A VIDA POR UM FIO mas era HOMEM DE VERDADE. Só tivemos UMA AVENTURA NA ÁFRICA, durante um SAFARI quando vimos AS MINAS DO REI SALOMÃO. NO VELHO COLORADO conheci KIT KARSON, tive VENERAÇÃO, mas O PIRATA vivia ENTRE DOIS CORAÇÕES, ENTRE DOIS JURAMENTOS e TRÊS E' DEMAIS. Numa NOITE DE BAILE, conheci UM PUNHADO DE BRAVOS, ERAM CINCO IRMÃOS, OS ÚLTIMOS CINCO, OS IRMÃOS CORSOS. Conheci-os na CASA DA COBIÇA, na ALAMÊDA DA SAUDADE 113, UMA RUA CHAMADA PECADO. Lá arranjei um AMIGO FIEL. Um dia MEU AMIGO, AMÉLIA E EU fomos passear em SAMÔA e ficamos num HOTEL CLANDESTINO, um IMPÉRIO DO VÍCIO. A camareira era MESSALINA e O PORTEIRO ORFEU. ÊLE, ELA E EU formamos um TRIÂNGULO DE AMOR do barulho. MEU AMIGO HARVEY foi DEPORTADO, pois vivia FORA DA LEI. SUA ÚNICA SAÍDA foi O AMANHÃ QUE NÃO VIRÁ. Fui RUMO AO MÉXICO, trabalhar no CLUBE HAVANA, como DANÇARINA DE ALUGUEL. Não tinha GAROTAS EM PENCA, ÉRAMOS SEIS, SEIS DESTINOS, OLÍVIA, ODETTE, STELLA, ÂNGELA, PANDORA e eu. Devido um CONFLITO, e devido À MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE fecharam o CLUBE DE MOÇAS e fui para o CAIRO trabalhar no HOTEL SAHARA. UMA NOITE NO CAIRO dancei A VALSA DO IMPERADOR com o SARGENTO YORK, foi mais UM SONHO DESFEITO. Já estava A UM PASSO DO FIM quando conheci LAFITE, O CORSÁRIO, ALTO, MORENO E SIMPÁTICO. Foi um HIPÓCRITA, quase marcou UM ROSTO DE MULHER com O FIO DA NAVALHA, que OUSADIA, deixar-me A MARCA RUBRA. Sinto VERGONHA mas SEMPRE CABE MAIS UM em meu CORAÇÃO TORTURADO. Minha ÚLTIMA AVENTURA foi em MACAU, foi UMA AVENTURA AOS 40 com o CAPITÃO BLOOD. Vendo ESTAS GRÃ-FINAS DE HOJE, tenho GRANDES ESPERANÇAS de dar MEU REINO POR UM AMOR. Elas não sabem COMO GANHAR UM MARIDO e que A FELICIDADE VEM DEPOIS que O DESTINO BATE À PORTA. Tive EM CADA CORAÇÃO UM PECADO, mas sinto uma VONTADE INDÔMITA de cruzar o ARCO DO TRIUNFO e tirar uma DESFORRA contra êstes HOMENS MARCADOS, HOMENS SEM AMANHÃ pois OS MISERÁVEIS sabiam COMO ERA VERDE O MEU VALE. EU SOUBE AMAR, infelizmente AMEI E ERREI muitas vêzes.

SOB A LUZ DO MEU BAIRRO, eu CREIO EM DEUS. A LUZ E' PARA TODOS, ela ilumina meu CORAÇÃO INQUIETO anunciando que A VIDA COMEÇA AMANHÃ. NINGUÉM CRÊ EM MIM, mas MEU CORAÇÃO CANTA e AINDA HÁ SOL EM MINHA VIDA porque O CORAÇÃO NÃO ENVELHECE. MEU DESTINO E' PECAR, DEUS NECESSITA DE HOMENS e eu também.

Carolina

P.S. — DIZEM QUE E' PECADO ter UM AMOR EM CADA VIDA, mas EU QUERO E' MOVIMENTO.

JOSÉ MAURÍCIO GUGLIOTTI, S. Paulo

UM HERÓI MÁSCULO..

(Cont. da pág. 19)

pessoais nos cinemas, e correspondência dos "fãs", etc., etc. Resultado: não se tem tempo nem para pensar e... é disso que eu gosto!

— Você abandonou totalmente a TV e o teatro, Charlton? — perguntamos-lhe.

— Não! — respondeu êle apressadamente. — Meu contrato com Mr. Wallis permite-me continuar com meus programas na televisão e é êsse o motivo pelo qual ainda mantenho apartamento em New York. Quanto ao palco, pretendo aceitar uma proposta de Mel Ferrer para participar da temporada de verão do teatro de La Jolla.

Charlton não soube nos adiantar quais as peças que interpretará, mas confessou-nos que iria insistir para que fôsse incluida, pelo menos, uma tragédia shakespeareana. Êle é um apaixonado dos clássicos. Já interpretou "Macbeth" na televisão; "Morro dos Ventos Uivantes", "Jane Eyre" e "Anthony and Cleopatra" (com Katharine Cornell) no teatro. Além disso, fêz "Julius Caesar" e "Peer Gynt" em filmes 16mm. não-profissionais para serem exibidos em academias dramáticas e cursos de arte das universidades de todo o país. Sua espôsa, Lydia Clarke (que os leitores viram na tela em "O Maior Espetáculo Sôbre a Terra" e, mais recentemente, em "Cidade Atômica") também participou dos mesmos. Charlton e Lydia casaram-se em 1944, na véspera em que êle seguiu para as Ilhas Aleutas como membro da 11a. Fôrça Aérea.

— Desde então, temos vivido separados geogràficamente, mas não sentimentalmente, — explicou-nos o "astro" com um sorriso.

De fato, muitas vêzes em que Lydia estava trabalhando em New York, Charlton tinha que permanecer em Hollywood e vice-versa. Apesar disso, não há nenhum conflito entre ambos.

— Acho que o fato de mantermos carreiras profissionais no mesmo setor nunca será obstáculo à nossa felicidade, — diz Heston à correspondente de "A CENA", acrescentando que jamais haverá rivalidade artística entre êle e a espôsa porque ela se recusa a ser "estrêla". E explica: — Lydia gosta de ser atriz, mas para interpretar pequenos papéis porque êstes não exigem que ela se lhes entregue de corpo-e-alma, abandonando a posição de dona de casa que a satisfaz tanto.

Ambos conheceram-se em Chicago, quando estudavam arte dramática na Universidade de Northwestern. Nascido naquela cidade há 29 anos atrás, Heston é de origem escocesa e herdou o talento cênico de seu tio-avô, Percy Charlton. Foi batisado com o sobrenome artístico dêsse ilustre parente e, aos 5 anos de idade, fêz a sua estréia numa peça escolar encenada no dia de Natal.

— Daí por diante, nunca mais abandonei a idéia de tornar-me ator! — diz Charlton. Seu ídolo foi e ainda é Laurence Olivier, que considera o mais completo ator de todos os tempos, tanto no cinema, como no teatro. Heston é, por sua vez, um perfeccionista por excelência. A coisa que mais o irrita é ver u'a má "performance" e, como exemplo dessa sua peculiaridade, basta apontarmos o fato de que êle adora ouvir óperas, mas se recusa a ir assisti-las porque...

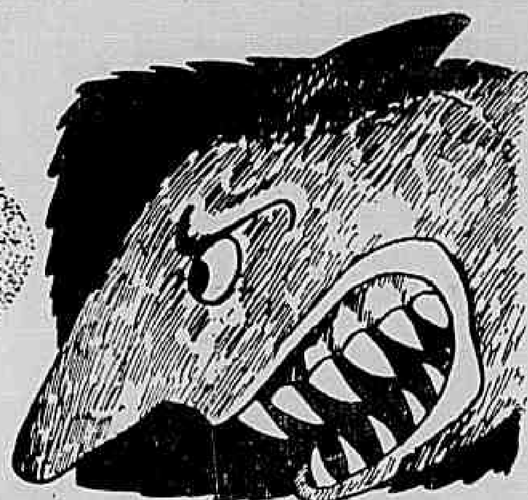
— ... as representações dramáticas nunca se igualam à beleza do canto e da música!

E êste herói de olhos azuis-cinzentos e cabelos dourados possui a impaciência e o anseio de perfeição que só os gênios se permitem, embora êle mesmo — com sua simplicidade e irradiante simpatia — não se dê conta disso!

Livros de Bôlso!

UM GRANDE PRAZER
POR POUCO DINHEIRO

Edições Segrêdo



RIO: AV. RIO BRANCO, 25 - RUA DO OUVIDOR, 150 - RUA MÉXICO, 128 - 1º SOBRE LOJA 5
SÃO PAULO: RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 403
INTERIOR: PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL, ENVIANDO O TALÃO ABAIXO PARA O RIO DE JANEIRO

- O Casamento e suas formalidades legais e sociais — 213 - 15,00
- Horoscópios para todos — 197 - 15,00
- As Chaves de Salomão — 198 - 15,00
- Dicionario de Nomes Próprios — 193 15,00
- Tenha Sangue Frio — 214 - 15,00
- A Cozinha Nortista — Nº 86 — 10,00
- A arte de fazer doces — Nº 85 — 15,00
- Aprenda a Dirigir sòzinho — 141 - 15,00
- Enguiços do Automóvel — 138 - 15,00
- Manual do Motorista — Nº 36 — 15,00
- Guia do Mecânico do Automóvel — 188 - 15,00
- A Ortografia Correta (Luiz A. P. Victoria) — 168 - 15,00
- Fala e escreve corretamente a tua língua (Luiz A. P. Victoria) — Nº 27 — 15,00
- Erros de Português e suas correções — Nº 26 — 15,00
- Brasileiros Ilustres — 200 - 15,00
- Modêlos de Cartas para todos os fins — Nº 90 — 15,00
- Formulário de Correspondência Social e Familiar — 162 - 15,00
- Cartas de Amor (Manoel Macedo) — Nº 20 — 15,00
- Regras Oficiais do Futebol — 190 - 15,00
- Basquetebol — 211 - 15,00
- Guia de Massagens — 187 - 15,00
- Rádio para Principiantes — 146 — 15,00
- Vigor Sexual — Nº 6 — 20,00
- Hábitos Sexuais do Homem — Nº 127 — 20,00
- Sexo e Psicanálise — Nº 130 — 20,00
- Vença a Timidez Sexual — 145 — 20,00
- A Conquista Amorosa pela aplicação da psicologia sexual — Nº 92 — 15,00
- Como se fazer amar — Nº 23 — 15,00
- A Arte e a Técnica do Beijo — Nº 93 — 15,00
- Que é você? Mais homem ou mais mulher? — 164 — 15,00
- Elimine o seu complexo de inferioridade — Nº 139 — 20,00
- O que todos os homens devem saber para conquistar as mulheres — Nº 124 — 20,00
- Para conquistar os homens — Nº 136 — 20,00
- Estimulantes Sexuais — Nº 67 — 15,00
- Problemas Sexuais dos Solteiros — Nº 66 — 15,00
- A Felicidade Sexual no casamento — Nº 3 — 15,00
- Práticas Sexuais no Matrimônio — Nº 125 — 20,00
- Dicionário Moderno de Sexo e Amor — Nº 7-15,00
- Estudos sôbre o Amor e o Sexo — Nº 91 — 15,00
- Métodos científicos e modernos para limitar os filhos — 87 - 20,00
- Costumes Sexuais Estranhos — Nº 4 — 15,00
- A Educação Sexual dos Filhos — 166 - 20,00
- Manual da Vida Sexual — 174 - 20,00
- Guia Íntimo da Sexualidade — Nº 5 — 15,00
- Anormalidades Sexuais — Nº 95 — 20,00
- Técnica e Prática Sexual — Nº 2 — 20,00
- Enfermidades Sexuais — 160 - 20,00
- Psico-Sexualidade — Nº 126 — 20,00
- A Cura da Impotência Sexual — 191 - 20,00
- Sensualidade — Nº 131 — 20,00
- Sensualidade Vol. II — 132 — 20,00
- Sensualidade Vol. III — 133 — 20,00
- O Banho (Emile Zola) — 65 — 15,00
- Declarações de Amor — 165 - 15,00
- O Nu através da Arte — Nº 1 — 20,00
- Jogos de Cartas (Regras) — 51 - 15,00
- Cock-Tail de Palavras Cruzadas — 157 — 10,00
- Aprenda a fazer Mágicas — 158 - 15,00
- Anedotas — 169 - 15,00
- Curiosidades e Extravagâncias dêste e do outro mundo — 150 - 15,00
- Como tirar a sorte — Nº 39 — 15,00
- Como ler os pensamentos — Nº 13 — 15,00
- Métodos para Hipnotisar — 147 - 15,00
- A Santa Cruz de Caravaca — Nº 94 — 15,00
- O Verdadeiro Livro de São Cipriano — 194 - 15,00
- Contos do Vigário, Pulo dos Nove e outras tapeações — 185 - 15,00
- Fórmulas para Ganhar Dinheiro — 153 - 15,00
- Assim se emagrece comendo — 156 — 15,00
- Discursos para tôdas as ocasiões — Nº 122 — 15,00
- 1001 Informações Úteis — 192 - 15,00
- Desenvolva a Memória — Nº 82 — 10,00
- Você sabe conversar? — 186 - 15,00
- Aprenda a Dançar sem mestre — 170 - 15,00
- Filosofia da Vida e do Prazer — 167 - 15,00
- Construa a tua Personalidade — 183 - 15,00
- Conquiste Amizades aumentando a sua simpatia pessoal — 161 - 15,00
- Regras para Vencer na Vida — 182 - 15,00
- Teoria e Prática do Existencialismo — 172 - 15,00
- Os 3 Mosqueteiros em quadrinhos (Alexandre Dumas) — 155 - 15,00
- Aprenda a fazer Versos — 171 — 15,00
- Dicionário de Rimas — 53 - 15,00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres Vol. I (Luiz A. P. Victoria) — 80 - 15,00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres Vol. II (Luiz A. P. Victoria) — 144 - 15,00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres Vol. III, sôbre o amor (Luiz A. P. Victoria) — 189 - 15,00
- Dicionário de Citações de Frases Célebres Vol. IV (Luiz A. P. Victoria) — 196 - 15,00
- Os Escravos (Castro Alves) — Nº 121 - 10,00
- A Cachoeira de Paulo Afonso (Castro Alves) — Nº 142 — 10,00
- As Primaveras, poesias de Casimiro de Abreu — 175 - 10,00
- Poesias de Gonçalves Dias — 84 - 10,00

Editora GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 2-B - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME.....................................
RUA......................................
LOCALIDADE...............................
ESTADO...................................

O "Livro Maravilhoso" dos MIL assuntos

JÁ SAIU!

PREÇO CR$ 25,00

O MAIS BELO
O MAIS ÚTIL
O MAIS COMPLETO
ALMANAQUE
BRASILEIRO!

20 CONTOS

NARRATIVAS
HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS
HISTÓRIAS INFANTIS

PÁGINAS EM POLICROMIA

1 COMÉDIA PARA
REPRESENTAR

Um romance completo:
"QUO VADIS" De H SIENKIEWICZ
Maravilhosamente ilustrado a côres, por Fortunio Matania

CHARADAS, ADVINHAÇÕES, ETC.

O ANO → CRISTÃO — CATÓLICO CIVIL — ISRAELITA — PERPÉTUO — PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS

CALENDÁRIOS → CATÓLICO — EVANGÉLICO — CIENTÍFICO — AERONÁUTICO — ARTÍSTICO — ASTROLÓGICO — AGRÍCOLA

INFORMAÇÕES GERAIS PARA 1953 → TÁBOA PLANETÁRIA — FASES DA LUA — CONCORDÂNCIAS DAS PRINCIPAIS ERAS — COMÊÇO DAS ESTAÇÕES — FESTAS RELIGIOSAS MÓVEIS — ECLIPSES DE 1953 — FESTAS RELIGIOSAS FIXAS — DATAS COMEMORADAS PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS — LIÇÕES PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS — OS MORTOS DO ANO — OS CAMPEÕES DO ANO — OS CENTENÁRIOS DO ANO

Almanaque 1953

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

EU SEI TUDO

PEDIDOS A CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO